UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA

YAN ANDERSON SOUSA DOS SANTOS

QUADRILHAS JUNINAS EM JOÃO PESSOA: RELATOS E MEMÓRIAS DE UM JOVEM MESTRE

JOÃO PESSOA, PB
2024

YAN ANDERSON SOUSA DOS SANTOS

QUADRILHAS JUNINAS EM JOÃO PESSOA: RELATOS E MEMÓRIAS DE UM JOVEM MESTRE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal da Paraíba, como requisito complementar para obtenção do título de Licenciado em Dança.

Orientador: Prof. Ms. Sérgio José de Oliveira.

JOÃO PESSOA, PB

2024

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237q Santos, Yan Anderson Sousa dos.
Quadrilhas juninas em João Pessoa: relatos e memórias de um jovem mestre. / Yan Anderson Sousa dos Santos. - João Pessoa, 2024.
57 f. : il.

Orientação: Sérgio José de Oliveira.
TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Dança - TCC. 2. Quadrilha junina - João Pessoa(PB). 3. Memórias. 4. Vivências. 5. Afeto. I. Oliveira, Sérgio José de. II. Título.

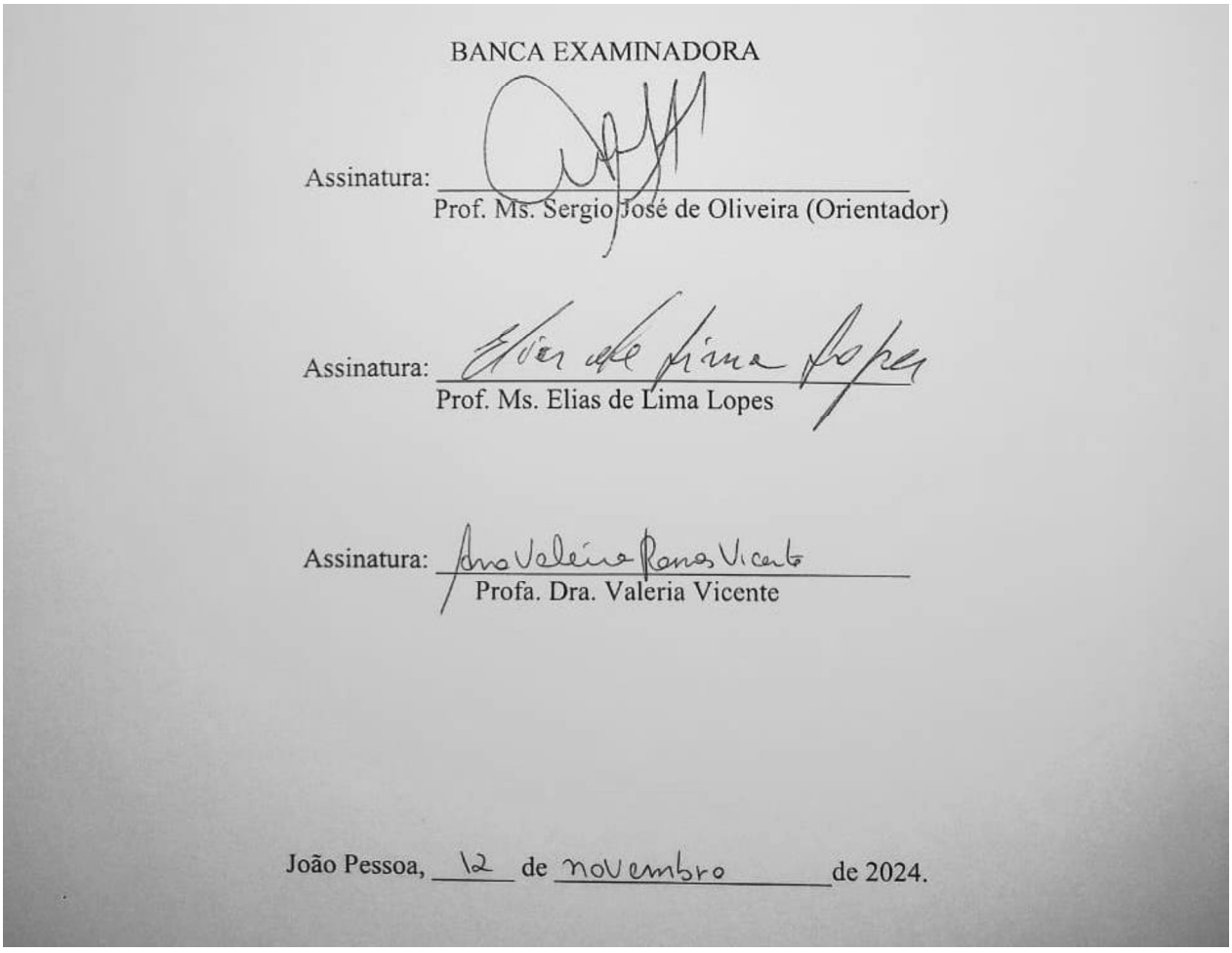
UFPB/CCTA CDU 793.3(043.2)

Elaborado por CLEYCIANE PEREIRA - CRB-15/591

YAN ANDERSON SOUSA DOS SANTOS

QUADRILHAS JUNINAS EM JOÃO PESSOA: RELATOS E MEMÓRIAS DE UM JOVEM MESTRE

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Banca Examinadora designada pelo Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Dança.



BANCA EXAMINADORA

Assinatura: _____
Prof. Ms. Sergio José de Oliveira (Orientador)

Assinatura: _____
Prof. Ms. Elias de Lima Lopes

Assinatura: _____
Profa. Dra. Valeria Vicente

João Pessoa, 12 de novembro de 2024.

Dedico àqueles que vêm me apoiando ao longo da minha jornada.

AGRADECIMENTOS

Sou gratidão primeiramente a Deus e à minha espiritualidade, que guia e norteia minha vida e experiências de forma geral.

Aos meus familiares, principalmente à minha avó e mestra Edilene José de Sousa, assim como também à minha tia Andreza Sousa da Silva, que me trouxeram grandes experiências vividas na infância, e seus ensinamentos ancestrais.

Ao meu parceiro de vida Erick dos Santos Paiva, por sempre segurar a minha mão nos dias mais apertados, e me trazer afago nos momentos difíceis da minha trajetória acadêmica.

Sou Gratidão a meu orientador Sérgio José de Oliveira, esse grande mestre que se mostrou mais que um professor nesse momento árduo de construção do trabalho de conclusão de curso, me trazendo nortes para o melhor estado de espírito e carnal nos momentos de escritas.

Aos professores da Licenciatura em Dança e Teatro da Universidade Federal da Paraíba, principalmente à dra. Valéria Vicente, nas suas aulas de Danças Populares, me mostrando a importância da minha história ancestral e dos meus conhecimentos, assim como também ao professor Elias Lopes por seus ensinamentos com a disciplina Jogos Corporais, fazendo-me tocar no meu eu interno, me fazendo buscar cada dia mais de mim.

Aos mestres e mestras das culturas populares paraibanas e pessoenses, que passaram pela minha vida, de forma a mover o meu profissional sempre.

A todos que fazem, juntamente comigo, a direção e organização dos coletivos Quadrilha Junina Babado de Xita e o clube de frevo Alegria do Frevo do bairro do Cristo.

E, por fim, a todos os colegas e amigos de trajetória de vida e acadêmicos, que torceram por mim e contribuíram na minha jornada até aqui.

O mito define-se pelo seu modo de ser: não se deixa interpretar enquanto mito, a não ser na medida em que revela que qualquer coisa se manifestou plenamente, sendo esta manifestação, por sua vez, criadora e exemplar, já que também, na verdade, funda uma estrutura, do real mais do que um comportamento humano.

Mircea Eliade

RESUMO

.

Este trabalho transita pelas principais questões ligadas à manutenção das quadrilhas juninas em João Pessoa: sua construção e formas de elaboração de temas para criar uma dramaturgia, coreografia, figurino e musicalidades que compõem o espetáculo. Meu percurso narrativo passa pelas dificuldades e desafios enfrentados pelas Juninas, ainda que ocupem um lugar de destaque na cultura local. Entrelacei relatos vivenciais e de memória e, principalmente, afetos. Minha andada reflete o sentido de celebração e devoção que foi moldando minha construção profissional como mestre de quadrilhas. A metodologia desenvolvida tem como ponto de partida cartas escritas para meus mestres e mestras especialmente importantes na minha construção profissional. O itinerário que se apresenta nos relatos de memória deixa emergir o afeto e a devoção como motores das vivencias que me levaram a minha escolha profissional. Tal trajeto me fez andar *pari passu* com parte da história das quadrilhas juninas em João Pessoa, onde destaco os vínculos familiares e os laços afetivos para criar e nutrir uma nova família junina na cidade, com a criação da Quadrilha Junina Babado de Xita, do bairro do Cristo.

Palavras-chave: quadrilha junina; memórias; vivências; afeto.

RESUMEN

El presente trabajo explora las principales cuestiones relacionadas con el mantenimiento de las *quadrilhas juninas* en João Pessoa, su construcción y las formas en que se desarrollan los temas para crear la dramaturgia, la coreografía, el vestuario y la musicalidad que componen el espectáculo. Mi recorrido narrativo pasa por las dificultades y los retos a los que se enfrentan las juninas, a pesar de que ocupan un lugar destacado en la cultura local. He entrelazado relatos vivenciales y de memoria y, sobre todo, afectos. Mi recorrido refleja el sentido de celebración y devoción que ha moldeado mi construcción profesional como maestro de *quadrilha*. La metodología desarrollada tiene como punto de partida la escritura de cartas a mis maestros y maestras que fueron particularmente importantes en mi desarrollo profesional. El itinerario presentado en los relatos de memoria revela el afecto y la devoción como motores de las experiencias que me llevaron a mi elección profesional. Este camino me llevó de ida y vuelta con parte de la historia de las *quadrilhas juninas* en João Pessoa, donde destaco los lazos familiares y afectivos que llevaron a la creación y mantenimiento de una nueva familia de *quadrilha junina* en la ciudad, con la creación de la *Quadrilha Junina Babado de Xita*, del barrio del Cristo.

Palabras clave: *quadrilha junina*; recuerdos; experiencias; afecto.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Quadrilha junina na infância. 34
Figura 2 – Registro com o coletivo da Zé Monteiro..... 36
Figura 3 – Mestre Anderson Costa e Yan Santos. 37
Figura 4 – Mestre Bonerge e Yan Santos. 38
Figura 5 – Registro da live da quadrilho Babado de Xita, 2021. 43
Figura 6 – Registro do concurso em 2022. 44
Figura 7 – Registro do concurso de 2023. 45
Figura 8 – Registro do concurso em 2024. 46

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Cras	Centro de Referência e Assistência Social
FMC	Fundo Municipal de Cultura
Funjope	Fundação Cultural de João Pessoa
ONG/Deculp	Liga das Quadrilhas Juninas de João Pessoa
Secult	Secretaria do Estado de Cultura

SUMARIO

1 INTRODUÇÃO: CARTAS AOS MESTRES QUE FIZERAM PARTE DA MINHA HISTÓRIA 14

1.1 CARTA AO MESTRE MARCELO LEITE 16

1.2 CARTA AO MESTRE RONALDO ZEBRA 17

1.3 CARTA AO MESTRE ANDERSON COSTA 17

1.4 CARTA À MESTRA ROSA SOARES 19

1.5 CARTA AO MESTRE MARCOS BONERGE 20

1.6 CARTA À MESTRA EDILENE JOSÉ 21

2 A IMPORTÂNCIA DA QUADRILHA JUNINA NA CULTURA PESSOENSE 24

2.1 AS PRIMEIRAS QUADRILHAS EM JOÃO PESSOA 25

2.2 COMO SURGIU A QUADRILHA ESTILIZADA 28

2.3 ELEMENTOS E ESTRUTURAS DO PASSADO: EM NOSSOS DIAS, O QUE SE PERDEU? 29

2.4 O APOIO DA MÍDIA, ONDE ERA APRESENTADO, SUA REPRESENTATIVIDADE E ORIGEM 30

2.5 ELEMENTOS INDISPENSÁVEIS E VOCABULÁRIO DE MOVIMENTO 31

3 BRINCANDO DE SER GENTE GRANDE: QUADRILHA JUNINA, MINHA PROFISSÃO 33

3.1 OPORTUNIDADES, ESCOLHAS E DESAFIOS 39

3.2 LIDERANÇA, PROCESSO DE FUNDAÇÃO 40

3.3 LAÇOS CONSTRUIDOS: SENTIMENTOS QUE ME CRUZAM, PESSOAS QUE AFETO E CARREGO COMIGO NO MEU PROGRESSO DE EVOLUÇÃO NO MEIO JUNINO 41

3.4 MARCO HISTÓRICO DE 2019 A 2024 NA QUADRILHA JUNINA BABADO DE XITA 42

3.4.1 Tema 46

3.4.2 Figurino 47

3.4.3 Repertório musical 47

3.4.4 Coreografias **47**

3.4.5 Cenários **48**

3.4.6 Casamento matuto **48**

3.5 FOMENTO E INCENTIVOS FINANCEIROS 49

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS **53**

REFERÊNCIAS **56**

1 INTRODUÇÃO: CARTAS AOS MESTRES QUE FIZERAM PARTE DA MINHA HISTÓRIA

Voltando o meu olhar para a cultura das quadrilhas juninas na cidade de João Pessoa, é possível constatar que minha formação profissional está alicerçada em minhas vivências com estes coletivos. Desse modo, na medida em que revisito minhas memórias, consigo resgatar e construir recortes sobre a tradição junina da cidade.

Cada mestre e mestra, seus familiares e integrantes das quadrilhas que fazem parte de minha história foram decisivos para construir, em mim, o sentimento de pertencimento e ensinar formas de subsistir às adversidades e conseguir produzir espetáculos juninos, tornando-me um artista com fortes vínculos a esta forma de expressão da tradição popular.

Neste trabalho, busco trazer alguns recortes e relatos das minhas memórias com as quadrilhas juninas da cidade de João Pessoa, onde nasci e resido até os dias de hoje. Memórias das experiências em produções de espetáculos das quadrilhas juninas por onde passei, vivenciando situações singulares junto aos mestres de cada junina, com seus métodos de trabalho e suas formas de persistência na tentativa de manter viva esta cultura. Dessas vivencias, consigo passar em revista histórias sobre a origem de quadrilhas juninas e seus elementos estruturantes. Também é importante ressaltar as maneiras de contribuição desses coletivos à tradição junina de João Pessoa. A partir dos relatos, consigo perceber os obstáculos para realizar as produções e estratégias de sobrevivências. Neste percurso, é relevante descrever como as juninas, tão enraizadas na cultura pessoense, conseguiram se manter ativas em meio à pandemia de Covid-19, entre 2020 e 2023. Esse acontecimento inaugurou um novo formato e reconfigurações desses coletivos, certamente fruto da pujança e importância dessa tradição e daqueles que a mantêm vivas.

Sou dançarino popular, produtor cultural, produtor artístico junino e, assim como todos que promovem e cuidam da cultura na cidade de João Pessoa, sou um mestre de quadrilha junina em formação. Há mais de vinte anos estou envolvido com a cultura popular. Em meus plenos trinta anos de idade, tenho orgulho de constatar que mais de 22 anos de vida foram dedicados às bandas marciais, quatorze anos dedicados ao carnaval da capital, e há dez anos colaboro com o crescimento e a manutenção da tradição das juninas em minha cidade. Diante de toda essa colaboração com a cultura da minha cidade, busquei aprimorar meus conhecimentos adentrando no meio acadêmico, na Faculdade de Dança, e, neste momento (2024), sou formando do curso de Licenciatura em

Dança da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Nesse percurso, ao criar laços de afeto e pertencimento à grande "família junina", fui sedimentando meu conhecimento como profissional deste âmbito e, consequentemente, fui levado a fundar a Quadrilha Junina Babado de Xita, no bairro onde residia, no Cristo, com o intuito de levar cultura para as pessoas da minha comunidade. Desse modo, meu envolvimento com a quadrilha junina também me levou a buscar a licenciatura em Dança, com objetivo de um aprimoramento profissional na arte da Dança, podendo, assim, somar ao meu conhecimento prévio à formação acadêmica para, com maior propriedade, disseminar a cultura das quadrilhas juninas.

Vale salientar que foi nas conversas de orientação com o professor Sérgio José de Oliveira – profissional do âmbito da cultura popular e docente da Faculdade de Dança e Teatro da UFPB – que percebi como minha trajetória de quadrilheiro se construiu e se mantém a partir das minhas vivencias, ou seja, no corpo a corpo, no fazer. Em momento algum pude me valer do conhecimento teórico para seguir em frente neste âmbito. Tais vivências ganham força na medida que aciono minha memória para narrar episódios, momentos e relembrar os ensinamentos de mestras e mestres quadrilheiros. Assim, me dei conta de que foi se sedimentando em mim um conhecimento que poderia ser compartilhado com os demais, dentro da academia e principalmente entre meus companheiros e companheiras de oficio e interessados e interessadas na área da tradição e cultura popular; para tal esse conhecimento necessitou ser estruturado, primeira grande tarefa. Foi neste sentido que adotamos, eu e meu orientador, uma metodologia desenvolvida a partir da produção de cartas aos mestres e mestras que influenciaram, ensinaram e contribuíram para a minha formação profissional. *Cartas lembranças*, *cartas memórias*, *cartas afetos*. Estas cartas foram o ponto de partida, o gatilho para acessar minha memória viva, depois buscamos estruturar os conteúdos e aprofundar alguns temas, como no capítulo II, onde trago a importância das quadrilhas juninas de João Pessoa, assim como seus elementos, origem e espaço. Em seguida, no capítulo III, descrevo e destrincho todo meu trabalho de estrutura, liderança, oportunidades, escolhas, laços construídos, marco históricos, incentivo financeiro e a fundação da Junina Babado de Xita, onde vivencio minhas experiências atuais. Porém, todo trabalho está permeado pela experiência vivida.

Dando início aos meus relatos de experiências, vivências e memórias, trago as cartas escritas por mim para os mestres e mestras que me influenciaram, ensinaram e contribuíram na minha formação como quadrilheiro.

1.1 CARTA AO MESTRE MARCELO LEITE

Como é bom lembrar da importância que o senhor teve na minha vida pessoal e profissional. Tê-lo ao meu lado me fez pensar e analisar os objetivos de vida que eu pretendia ter e buscar, a importância dos seus ensinamentos e doutrinas de sua luta marcial. As vivências com os movimentos de luta me levaram à Dança como o profissional que sou e que pretendo me tornar. Professor e pai, estou escrevendo esta carta para trazer algumas lembranças para o senhor, que me ensinou e me fez tanto bem nos meus anos de criança e adolescente. O senhor que me adotou como filho de criação, e junto com minha avó me proporcionou grandes ensinamentos de vida, assim como o grande interesse pelas artes marciais. Quero lhe dizer como eu me sentia feliz ao seu lado aprendendo o kung fu, como grande mestre dessa arte que o senhor era, exemplar, didático, fiel aos ensinamentos, metódico, mas sempre em busca do melhor em suas aulas, buscando muita dedicação não só dos alunos como minha também. O senhor lembra da primeira queda que o senhor me deu no tatame? Eu fiz birra, dei trabalho, fiz uma guerra em casa. Aquela foi a primeira queda da minha vida, que vou lembrar para sempre, mas foi ela que me ensinou e me incentivou a continuar aprendendo não só o kung fu, como também outras artes do movimento corporal, como a dança. Sabe qual era a parte mais bonita de se interpretar ou executar? Era o *kata*, ou *kati*, aquelas sequências de defesa que mais pareciam um conjunto de movimentos coreográficos, aquilo era tão impecável que até hoje ainda lembro alguns dos movimentos. Diante de todas essas lembranças venho lhe dizer e afirmar a importância da sua vida, sua presença e do seu afago, desde o dia do meu nascimento até o dia do seu falecimento. Mestre, como o senhor foi importante na minha construção social, profissional e artística, em minhas montagens coreográficas, em meus espetáculos e até os dias de hoje. Como não lembrar da sua delicadeza e força em executar sua arte marcial, mas também um grande exemplo de tutor e mestre, sem falhar ao transmitir os seus conhecimentos e suas habilidades no meio das artes. A emoção me invade o peito ao falar do senhor, as brincadeiras de criança e nossos momentos no tatame são lembranças que não me fogem à mente, muito menos ao peito.

1.2 CARTA AO MESTRE RONALDO ZEBRA

Trago com esta carta a importância de conhecer e ter Ronaldo Zebra como o precursor do meio junino, e ter vivenciado, com ele, um pouco da energia do que é ser quadrilheiro e do que foi fazer quadrilha junina na cidade de João Pessoa no ano de 2010.

Mestre Zebra, passando para trazer algumas lembranças.

Você se lembra do ano de 2010, na Quadrilha Junina Fogueirinha, seu ápice como coreógrafo e produtor cultural da junina? Naquele ano o tema da quadrilha era "Do Litoral ao Sertão: uma Paraíba Toda Feita a Mão". Foi ali que tive meu primeiro contato com quadrilhas juninas profissionais, tempo difícil para tudo. Eu era muito jovem, no alto dos meus 15 anos de idade, sem experiência com quadrilha profissional, mas vontade não me faltava, e eu ali na plateia do ginásio apenas olhando o ensaio, apreciando o seu conhecimento de coreógrafo e artista. Na sua necessidade de ter mais um componente para seu elenco, foi lá na plateia e me arrancou do local onde estava sentado e me colocou como um dos destaques artesãos do seu espetáculo. Me lembro como se fosse agora, minha apresentação inicial era uma entrada com uma sandália de couro de um metro nas mãos, todo vestido de gibão de couro verde, amarelo e marrom, com aquele chapeuzinho de couro característico do sertão, e assim estava eu, no espetáculo representando a Borborema, a terra dos artesãos de couros. Ronaldo, você não sabe como aquilo mudou a minha vida da água pro vinho, me mostrando o caminho das artes juninas, dos grandes espetáculos juninos e ainda mais um festejo que jamais morrerá, festejo esse que permaneço vivendo, aprendendo e reconhecendo como meu cada dia mais e mais. Estou aqui para agradecer pela sua participação na minha vida profissional, pelas oportunidades e conhecimentos compartilhados na época em que estive a participar dos seus espetáculos, entre 2010 e 2011.

1.3 CARTA AO MESTRE ANDERSON COSTA

Esse mestre foi quem me trouxe para dentro do meio junino, de forma que pude vivenciar as margens de toda a produção de um espetáculo e sua criação, como lidar com as pessoas, como lidar com os problemas do meio social com as quadrilhas juninas no ano de 2014.

Grande, épico, singular e magnífico, amigo, mestre, irmão de vida. Inicio minha fala com essas palavras para expressar o quanto fui e sou feliz em sua presença. Trago lembranças sobre a

oportunidade dada a mim, em 2014, por você, dentro da Quadrilha Junina Balão Dourado da cidade de Mata Redonda-PB. De início, o convite apareceu apenas para ir dançar com você na junina, convite esse que se estendeu com as nossas vivências de ensaios e preocupações em ajudar as pessoas que estavam ali fazendo parte daquele grupo, mas que tinham dificuldades de aprender os movimentos ou sequências coreográficas, e diante dessa problemática, você me procurou para ajudá-lo a administrar as aulas e as montagens coreográficas, assim como também na transmissão dos movimentos. Logo em seguida, juntamos os nossos conhecimentos e começamos a trabalhar na confecção dos chapéus e arranjos, assim como também nos bordados dos nossos figurinos, de nossos colegas e amigos, que ali faziam parte de nossa história. Como não lembrar das nossas noitadas juntos? Eu, você e Zé da Penha, produzindo e confeccionando os materiais a todo vapor, para termos um grande espetáculo naquele ano, espetáculo este que tinha como tema "A Saga Nordestina na Amazônia". E por fim, como foi magnífica toda essa experiência ao lado de grandes fazedores das artes juninas e da cultura popular paraibana, o quanto de experiência eu carrego até hoje, devido a essas vivências ricas de artesanatos, corpo em movimento, dança e coreografia. Diante desta carta eu preciso desabafar e dizer que devo a você o meu fazer junino até os dias de hoje. As minhas experiências junto com você na junina Balão Dourado me fizeram perceber o tamanho do amor que tenho pelas quadrilhas juninas, pela a arte do nosso Nordeste. Foi por isso que no fim do nosso processo de vivências eu me dispersei da junina para participar de uma nova vivência com o chamado artístico da junina Zé Monteiro do bairro do Cristo Redentor, na cidade de João Pessoa. Foi com o desejo de disseminar os seus ensinamentos e metodologias de ensino que fiz essa mudança drástica de coreografar pela primeira vez, me tornando norteador e produtor do meu primeiro espetáculo junino, que teve como tema "As Pedras Preciosas do São João". E foi ali, à frente de um grupo totalmente imaturo, sem respeito, sem ética e sem educação, que percebi de forma árdua o que você estava passando nos piores dias da sua junina, foi com esse aprendizado que eu construí o meu carácter profissional, e difundi os meus conhecimentos vividos com novos conhecimentos em pesquisas, para levar para aquele grupo melhores hábitos e melhores momentos em sua história cultural. Então, Anderson, é admirando seu trabalho e carácter que até hoje busco melhorar meus trabalhos e conhecimentos, que busco viver a frase que você sempre citou: "treino é treino e jogo é jogo", enfatizando a importância de ter uma base racional e educacional na vida, mesmo que seja apenas para dançar quadrilha junina.

1.4 CARTA À MESTRA ROSA SOARES

Rosa Soares, mestra da junina Zé Monteiro, do bairro do Cristo Redentor, sendo uma senhora devota do nosso senhor Cristo e de todos os santos católicos que fazem parte do ciclo junino, me ensinou a amar o ciclo, assim como ela. Ao doar-se todos os dias para ver o seu coletivo brilhando no São João de João Pessoa, foi esta mestra que me inspirou e propôs a minha primeira oportunidade de produzir espetáculos juninos na cidade.

A senhora sabe mais do que ninguém que foi a primeira mestra a me proporcionar a oportunidade de criar minhas ideias em cima de grandes espetáculos juninos, carregando a minha identidade e minha forma de ser. 2015 foi o nosso primeiro ano juntos, não sei se a senhora se lembra, mas quantas dificuldades encontramos. A notícia de mudança de coordenador e coreógrafo da junina deu uma queda no elenco que existia, e nos vimos praticamente com, no máximo, cinco pessoas. Foi desesperador ver nos seus olhos o desânimo e a incredulidade do que estava acontecendo com sua junina, mas eu sempre dizia à senhora: “calma dona Rosa, o pouco com Deus é muito e o muito sem Deus não é nada”, e a senhora dizia “é, meu filho, eu tenho fé em Deus que tudo irá dar certo”. É… e a coisa começou a dar certo, com o tempo criamos um elenco básico, mas que nos ajudaram e fizeram de tudo pela a nossa junina. Lembro que neste ano não tivemos êxito no concurso, mas fomos felizes em ter um elenco participativo, sem vícios e completamente juvenil. O trabalho continuou até o ano de 2017, quando tivemos o melhor elenco de todos os anos, com quarenta brincantes. A senhora não sabe o quanto me orgulhei de ver aquele espetáculo no arraiá, e ver o brilho nos olhos da senhora em ter ficado em segundo lugar do pódio do grupo “B” do Festival de Quadrilhas Juninas de João Pessoa. Tenho certeza de que se lembra de nossos sacrifícios, quantas noites sem dormir, correndo atrás de jovens na comunidade, nas escolas e entre amigos, até poder dizer que tínhamos um elenco de verdade para fazer o meu melhor espetáculo, que teve com tema “O Reino do Sol e a Promessa de um São João”. Lembro dos nossos momentos de confecção dos figurinos, na grande maioria das vezes apenas eu e a senhora, até o dia raiar. Quantos momentos difíceis, porém extremamente satisfatórios quando víamos tudo pronto em cima do palco. Eu me pego até hoje a pensar no quanto eu amei fazer isso tudo, e quem me ensinou a amar com tanto louvor esse festejo que abrilhanta a vida de tantas pessoas no nosso Nordeste foi a senhora. Ver sua idade, seu cansaço, mas também sua garra e força de vontade de fazer mais um São João, é gratificante para qualquer alma. As pessoas que ali estavam, participando do

espetáculo, não faziam ideia da força que a senhora passava para mim nas horas mais difíceis, nos momentos de desânimo, em que íamos para o ensaio com o intuito de evoluir, mas que no fim das contas quando chegávamos na escola, só encontrávamos poucas pessoas que tinham vontade de ver a junina crescer. Dona Rosa, a senhora não sabe o quanto me ensinou dentro de todos os anos aos seu lado, de 2015 a 2018. Foram anos de luzes na minha evolução profissional, tendo como base uma mestra de quase 80 anos de idade, com uma carga de conhecimento enorme, com habilidades na confecção dos figurinos que levarei eternamente em meus conhecimentos e vivências. Suas histórias e seus espetáculos, vivenciados há mais de 35 anos como presidenta da sua junina, buscando sempre levar o melhor para sua comunidade e seu bairro, com muito esforço e dedicação. A senhora é um baluarte desta cultura. Me retirei dos espetáculos da Zé Monteiro no ano de 2018, e com tudo compartilhado entre nós, a senhora continua a sua valorização ao meio junino, lutando e buscando sempre o melhor para a cultura da sua cidade, percebendo o quanto é difícil, a senhora continuou usando todas suas forças para manter a junina de pé. E é lindo de ver essa magnitude que existe dentro da senhora como mestra das quadrilhas juninas da cidade de João Pessoa.

1.5 CARTA AO MESTRE MARCOS BONERGE

O mestre Bonerge agrega conhecimento na minha vida profissional de forma divertida e singular, trazendo uma forma alegre e tranquila de trabalhar, abrindo novas experiências nas minhas vivências culturais, mas também com uma sabedoria incomparável dentro das quadrilhas juninas da cidade de João Pessoa, visando sempre engrandecer o ciclo junino, como, também, o ciclo carnavalesco, onde ele se encontra mestre do Clube de Frevo até os dias de hoje.

Mestre Bonerge, mesmo sem saber o senhor foi o homem que me levou para as vivências dos carnavais com o seu clube encantador, o Clube Ciganos do Esplanada. O senhor me procurou no intuito de transformar o clube em um espaço mais juvenil, com mais caras novas, como diz o ditado, e assim em 2015 estivemos juntos na avenida, e eu me descobri coreógrafo de frevo, não aquele frevo pernambucano que conhecemos, mas um frevo coreografado, com passos sincronizados. E vou logo lhe dizendo: que experiência incrível, poder pular frevo de uma forma tão organizada e competitiva, participando assim de competições no Carnaval Tradição, onde

passamos juntos fazendo a comissão de passistas de abre-alas do clube entre 2013 até 2019. É isso mesmo, foram seis anos de experiências compartilhadas e de muitos títulos para o clube, até que em 2019 tivemos a oportunidade de compartilhar o trabalho junto com a Quadrilha Junina Botijinha, onde o senhor também era presidente e mestre. Ali, foi um lugar onde também encontrei muita dificuldade em desempenhar meu trabalho, pelos mesmos empecilhos de todas as outras, que era ter elenco suficiente para fazer um novo espetáculo, além do fato de sua própria família estar trabalhando contra a nossa evolução. Mas com todo o seu empenho e minhas metodologias de trabalho conseguimos, e assim como em todas as outras juninas que passei, tivemos êxito ficando entre as melhores do grupo "B" do concurso de quadrilhas juninas. Por fim, não permanecemos juntos como deveríamos, por causa de muitos fatores, mas que um dos maiores deles era a fundação da minha própria junina, e encontrei no senhor o apoio para começar, para dar o pontapé inicial a um novo projeto, a uma nova vida cultural que ali iniciava. E mesmo sem o senhor saber, uma das minhas maiores inspirações foi o seu trabalho e empenho nos seus grupos culturais, onde encontrei o estopim para a iniciativa do meu primeiro projeto cultural, que tem até hoje o título "Quadrilha Junina Babado de Xita".

1.6 CARTA À MESTRA EDILENE JOSÉ

Minha maior inspiração, meu espelho em dedicação e lealdade, como pode ser tão difícil e tão simples falar da minha maior mestra? Ela é a mulher que me deu vida, me ensinou princípios que moldaram meu carácter, me mostrando o quanto eu poderia ser grande em pequenos gestos, me ensinando com uma base sólida de vida a enfrentar obstáculos, mesmo com limitações devido à escassez econômica que acompanhou a sua luta diária para criar os seus filhos e filhas, e, uma delas, é minha mãe, Andreia Karla Sousa da Silva. Mestra Edilene mostrou a toda sua família – filhas, filhos, netos, netas, e bisnetas e bisnetos – que com força de vontade, caráter e muita força vital, qualquer um poderá ser o que quiser ser na vida.

Maior mestra, minha avó Edilene José de Sousa, mulher, mãe, avó e bisa, feirante desde vinte anos de idade, teve que lutar desde muito cedo para criar seus filhos Andreia Karla, Andreza Sousa, Waldez Sousa e os falecidos filhos Walderez Sousa e Waldy Queiroz. Quebrando todos os paradigmas dos anos 1980 ao 1990, de que mulheres não podiam ser independentes, buscando

sempre dar o melhor aos seus filhos, a senhora lutou mais de 40 anos como feirante, e com muita raça o faz até hoje, para ser um exemplo para todos de sua família. Neste relato lhe trago minhas lembranças, e tenho certeza que a senhora se lembra do quanto fui afetado pela senhora de todas as boas formas possíveis. Criado pela senhora e cuidado pela minha tia Andreza Sousa, eu tive a melhor educação possível, aprendendo a respeitar as mulheres, além de toda a família, aprendendo a ouvir suas histórias e relatos de vida, anterior à minha chegada, tive a sorte de ser o primeiro neto, o que carrega toda a historicidade da família, o que teve todos os privilégios possíveis, como estudar o Ensino Fundamental I em escola particular, estar incluso em todas eventualidades da escola, como festa de carnaval, São João, Festa das Neves, banda marcial, entre outros. Tenho certeza que a senhora se lembra, em toda quadrilha junina da escola a senhora me arrumava para dançar a quadrilha, ano de noivo, ano rei do milho e entre outros, a senhora vivia me incentivando a ser e estar nas práticas culturais. Como não amar tudo isso até hoje, se a senhora fazia questão de me mostrar a beleza de todas as coisas?

Chegando no Ensino Fundamental II, sem esquecer minhas raízes por sua influência e histórias contadas sobre seu pai, meu bisa, e seu irmão, indo para a escola, tocando na banda, participando da bateria da escola de samba de sua cidade, o quanto tudo aquilo me motivava para entrar na banda marcial da minha escola, Augusto dos Anjos. Naquela escola ganhei o enorme conhecimento na música e reconhecimento profissional. Com o tempo a senhora me incentivou a buscar novos horizontes e com sua forma linda de compartilhar o conhecimento através da oralidade, me mostrou o quanto nossa família é rica na arte da dança. Histórias como a da sua mãe, a minha bisa, trabalhando como oleira; eu nunca tive a chance de ver o seu trabalho, mas pelos seus relatos de quando ela fazia panelas e pratos de barro, vendo os movimentos eu percebi a dança, suas vivências com a quadrilhas juninas da sua época, as lapinhas, os jogos de coco de roda e tudo que a senhora viveu, me motivaram sempre a buscar mais sobre tudo isso, e foi assim que tive meu primeiro acesso aos cocos de roda, às cirandas e quadrilhas juninas profissionais da minha região. E lembro como hoje as brigas que tivemos pelos horários elevados que eu chegava em casa por causa das competições e apresentações das quadrilhas, e assim se passaram alguns anos de guerra, sem conseguir transmitir para a senhora o quanto tudo aquilo me afetava e o quanto eu era feliz participando daqueles espetáculos maravilhosos. Até que apareceu minha primeira oportunidade de trabalhar produzindo espetáculos de quadrilha, e a senhora muito preocupada chegou pra mim e disse: “Será que isso vai dar certo, meu filho?”, e eu lentamente falei “Mainha, se vai dar certo

eu não sei, mas sei que vou tentar", e quando passou o tempo e a senhora via o meu empenho em tudo que precisava fazer, a senhora me aconselhava, me ajudava e me apoiava. E sabe qual foi o melhor dia? Foi o dia da apresentação oficial da quadrilha, quando a vi na plateia com tanta atenção, e com os olhos a brilhar em ver meu primeiro trabalho pronto no palco; ai que momento inesquecível, assim como milhões de momentos na vida tendo a senhora ao meu lado, mas não posso deixar de comentar sobre um novo momento que veio a acontecer na minha vida, e que se não fosse a senhora, eu não teria força para seguir em frente.

No ano de 2016 eu passei no Enem, e quanta alegria foi vista na minha casa, porém eu não fazia ideia do que fazer na faculdade, não tinha ideia do que estudar, em qual área me profissionalizar, e ali estava a senhora mais uma vez sem pestanejar, chegou pra mim e disse, "Meu filho, existe curso de Dança na universidade?", e eu logo em seguida fui pesquisar, de um lado pro outro no site e só encontrava o curso de Música, até que no outro dia, já cansado de procurar, enfim achei, e naquele momento eu corri para lhe dizer que sim, que havia o curso, e naquele momento a senhora olhou para mim e disse "Siga em frente meu filho, faça aquilo que você já vem fazendo, torne-se um profissional", e assim entrei no curso de Licenciatura em Dança, e a minha única incentivadora foi a senhora, ao ver o primeiro neto da sua família entrar na universidade, e agora, mais que nunca, formando.

Então assim eu trago todas essas vivências com a senhora, para me lembrar o quanto a sua vida se entrelaçou na minha vida, história e vivências, e foi buscando a esses relatos que percebi a importância de sua vida na minha vida pessoal e profissional, e que sem nosso entrelaçar eu não estaria hoje onde estou, buscando cada dia ser melhor no meu trabalho e na vida. Meus espetáculos são fortemente influenciados pela senhora, por suas vivências religiosas dentro da igreja católica. Sempre busquei elevar meus espetáculos com minhas lembranças de infância ao seu lado, juntamente à religiosidade do festejo. Quantos espetáculos lindos foram produzidos e apresentados, através das minhas mãos criativas e de seus relatos vivenciados, e é por isso que meu amor ao festejo junino existe e sempre existirá, e é com todas essas lembranças que digo para a senhora o tamanho da minha gratidão de ser quem é, e de sempre estar ao meu lado até hoje.

2 A IMPORTÂNCIA DA QUADRILHA JUNINA NA CULTURA PESSOENSE

A quadrilha junina pertence à tradição nordestina e, em João Pessoa, exerce um importante papel cultural. Símbolo de celebração, resistência e comunhão com a terra e seus ciclos – preparo do solo, semeadura, cuidado, colheita e celebração, a quadrilha junina representa uma importante prática cultural viva, transformando o conhecimento cultural e suas formas de expressão. Essa festividade transcende o ciclo religioso e profano até os dias de hoje, festejo esse que deixa de ser apenas cultural e se torna ancestral, ao considerar seu passado e sua origem como celebração dos ciclos da terra.

A quadrilha junina, metaforicamente, pode representar uma fogueira, já que busca manter acesa uma chama dentro de cada pessoa, que teve ou tenha um ancestral que veio do interior nordestino ou que nele ainda viva. A importância vem a partir das lembranças do cheiro das comidas típicas, da fumaça da fogueira, o cheiro da pólvora dos fogos de artifícios. Revisitar a memória a partir das músicas de amor, mesmo não estando apaixonado, apelar aos santos juninos – Santo Antônio, São João e São Pedro – para conseguir graças por meio de preces; seja ela de casamento ou de abundância na colheita. Poder vestir xadrez ou chita e não haver o preconceito de ser pobre ou rico, feio ou bonito. O ciclo de festejos do São João constrói história e transforma vidas, através das lembranças da nossa infância ou, até mesmo, do nosso cotidiano em lugares diversos.

No livro *Do lundum ao samba: pelos caminhos do coco*" (2003), no capítulo sobre o ciclo junino, temos a seguinte explicação sobre a tradição deste festejo.

> Todo um conjunto de tradições que hoje preservamos, como pertencentes as festas juninas, tem raízes nos cultos agrário celebrados pelos pagãos e em suas crenças nos cultos do paganismo e nos vários deuses que imaginavam existir na natureza. O sol era o "DEUS" responsável pelo sucesso da colheita, sendo alvo de admiração e de adoração pelo poder sobre natural que imaginavam possuir. Daí o costume de acender fogueiras nos lugares altos e mesmo nas planícies; as danças ao redor do fogo, os saltos sobre as chamas (D'Amorim; Araújo, 2003, p. 33).

Discordamos das autoras citadas, quando dizem que os cultos agrários seriam cem por cento pagãos, e o que seria pagão em sua escrita? Lembrando que o festejo Junino assim, como o agrário, são festejados através da fé, fé de uma boa colheita, assim como a fé em adorar o seu santo junino.

A festa junina pessoense tem o poder de juntar familiares e famílias que não se veem há

tempos, trazendo a oportunidade de vivenciar cada momento como único e singular, tendo hoje uma força enorme dentro do segmento cultural e popular. No entanto, as quadrilhas juninas de João Pessoa, historicamente, lutam e resistem para que possam sobreviver como expressão viva do nosso estado.

2.1 AS PRIMEIRAS QUADRILHAS EM JOÃO PESSOA

As Quadrilhas Juninas precursoras do São João de João Pessoa são algumas das mais antigas do Brasil, com mais de 70 anos de vivência no meio junino, como a Quadrilha Junina Lageiro Seco, do bairro do Roger, a Quadrilha Junina Pindura Saia, do bairro da Ilha do Bispo e a Quadrilha Junina Paraíba, do bairro da Torre, quadrilhas essas que existem até hoje, fazendo seus espetáculos e somando grandes títulos municipais, estaduais e nacionais.

As quadrilhas juninas se mantêm, até os dias de hoje, com mais ou menos 30 coletivos em atividade, participando de concursos, festivais, encontros e festejos católicos. São elas as Juninas: Babado de Xita, do bairro Cristo Redentor, Zé Monteiro, do bairro do Cristo, Botijinha, do bairro Cruz das Armas, Dona Maria, do bairro de Mangabeira, Ubando, do bairro do Valentina, Fulô do Cerrado, do bairro dos Funcionários II, Flor de Mandacaru, do bairro de Mandacaru, Lageiro Seco, do bairro do Roger, Sanfona Branca, do bairro de Mangabeira, Fogueirinha, do bairro de Cruz das Armas, Paraíba, do bairro da Torre, Pindura Saia, do bairro da Ilha do Bispo, Tradição Matuta, do bairro de Mangabeira, Lampião, do bairro de Mangabeira, Maria Cangaceira, do bairro de Mangabeira, Sorrisos, do bairro do José Américo, Aconchego, do Bairro de Cruz das Armas, Santo Antônio, do bairro do Alto do Mateus, Mangue Seco, do bairro do Padre Zé, Sacode Poeira, do bairro São José, Tiko Mia, do bairro de Mangabeira, Sucupira, do bairro Padre Zé e junina Pó de Serra, do bairro de Mangabeira.

Todas essas quadrilhas juninas fazem parte da associação ONG/Deculp – Liga das Quadrilhas Juninas de João Pessoa –, onde todos os presidentes das quadrilhas juninas de João Pessoa são associados, fazendo parte de reuniões sobre a organização de todo o meio junino da capital e onde podem eleger um representante como presidente e responsável para esta tarefa, buscando melhoria entre o poder público e os grupos culturais, que estão associados à Fundação Municipal de Cultura de João Pessoa (Funjope), responsável pela parte financeira da cultura da nossa cidade.

Essas associações se ocupam dos assuntos ligados à organização e gestão financeira dos espetáculos e eventos durante o São João e fora desse período. Assim como descreve o pesquisador Josinaldo de Farias Flores (2024, p. 34), em seu TCC, *Do lúdico às competições: um estudo de caso a quadrilha junina Fazenda Pindura Saia*.

> Especificamente aqui em João Pessoa, a ONG/DECULP – Liga das Quadrilhas Juninas de João Pessoa, através de um representante eleito pela classe dos quadrilheiros, faz um trabalho em parceira com a FUNJOPE – Fundação de Cultura de João Pessoa, onde a liga se organiza com os dirigentes quadrilheiros e os oficializam junto à fundação para que os mesmos possam concorrer em edital específico a uma subvenção financeira, através de projeto, que neste ano de 2019 foi de R$ 17.200,00 (dezessete mil e duzentos reais) para quadrilhas juninas que compõem o grupo A, e de R$ 14.200,00 (quatorze mil e duzentos) para aquelas quadrilhas juninas que compõem o Grupo B, totalizando 25 (vinte e cinco) grupos, sendo 10 (Dez) no grupo A e 15 (Quinze) no grupo B. Nesse projeto, os grupos juninos, fazem uma justificativa, falam dos objetivos: geral e específicos, além de fazer seus planos de estratégia e ação, no qual, dizem exatamente onde será investido os recursos.

Antes dos anos 2000, as quadrilhas juninas eram organizadas apenas para a brincadeira do festejo religioso do Ciclo Católico junino que se inicia no dia 19 de março, dia de São José. De acordo com a crença católica e todos os seus seguidores, é necessário que chova no dia de São José, para trazer uma boa colheita de milho nas plantações dos sítios, nas cidades do interior. Sobre este tema, D'Amorim e Araújo (2003, p. 36) afirmam:

> Seu dia, 19 de março, marca o período do equinócio da primavera (no hemisfério norte) e do outono (hemisfério sul), sendo a estação do ano que antecede o nosso inverno e sucede o verão. Por ser festejado em época propícia ao início do plantio, São José tornou-se o santo padroeiro dos agricultores. E o santo da previsão meteorológica, pois se chover é sinal de que haverá condições climáticas favoráveis a garantir a safra do milho, principal alimento do ciclo, que é colhido em junho.

O ciclo junino se estende entre o mês de março até o mês de julho, tendo seu ápice em junho, com a comemoração aos três santos juninos, Santo Antônio, dia 13 de junho, padroeiro dos namorados, o santo casamenteiro, também conhecido como "santo interventor", como é citado em D'Amorim, Araújo (2003, p. 37): "Santo Antônio de Lisboa ou de Pádua um dos santos mais populares do ciclo Junino, por sua fama de "casamenteiro", embora só tenha começado a fazer parte dos festejos do ciclo junino no século XIII […]".

Dando sequência, temos o dia de São João, cuja véspera é na noite de 23 de junho, iniciando a grande festa, e 24 o dia do santo, mais conhecido pelos religiosos como São João Batista, pela sua benfeitoria no tempo de cristo, além de ter batizado Jesus nas águas do rio Jordão. Sobre o

tema, D'Amorim e Araújo (2003, p. 38-39) afirmam:

> A Igreja adotou o dia 24 de junho, data que marca o solstício de verão no hemisfério Norte e de inverno no hemisfério Sul, para celebrar o aniversário de São João. Filho dos personagens bíblicos Isabel e Zacarias, João Batista, principal padroeiro da festa junina, foi responsável pelo batismo de Jesus Cristo nas Aguas do Jordão, rio que hoje faz fronteira natural entre Israel e a Jordânia.

Encerrando o ciclo, temos o "santo das portas do céu" que traz as chuvas, São Pedro, finalizando os festejos juninos no dia 29 de junho. No final do mês de julho, no último sábado, comemora-se "a mulher entre os homens", a santa protetora das mães e avós, Santa Ana, conhecida também como Santana. Vale lembrar que sua comemoração pertence ao Ciclo Católico. Sobre a origem do nome das festas que compõem o ciclo junino, D'Amorim e Araújo (2003, p. 34), no capítulo "Ciclo Junino", afirmam:

> Podemos citar, pelo menos duas versões para o nome da festa. Antes do pensamento cristão dominar a Europa, as comemorações realizadas em junho cultuavam a deusa Juno, mulher de Júpiter, que fazia parte do panteão do Império Romano. Para diferenciar as festas de Juno da festa de São João a Igreja Católica passou a chamar "joaninas". Com o tempo, no Brasil, as festas Joaninas comemoradas com fogueiras, rezas e muita alegria, acabaram sendo mais conhecidas como juninas e se mostraram muito eficazes para atrair a atenção dos indígenas para a ação catequizadora dos padres jesuítas, especialmente porque coincidiam com o período em que os índios realizavam seus rituais de fertilidade.

Esse período é um tempo mais reservado aos ciclos familiares de preservação de suas atitudes ancestrais e seus conhecimentos prévios do meio junino, em busca de preces, através de orações e pequenas festas religiosas para o nascimento e reconhecimento de cada santo junino. Um dos maiores símbolos de vida e morte desses santos relacionados ao Ciclo Junino é a fogueira, o acender da fogueira na noite de cada santo remete ao nascimento, vida e morte de cada santo junino, e também representa o entrelaçamento dos amigos em busca de manter a fé nos santos. Este elo de amizade gera as relações fraternas que constroem laços mais estreitos entre as pessoas, como tornarem-se compadres e comadres entre os festejos juninos devido à fé nos santos católicos, demonstrando a tamanha devoção aos santos celebrados. Neste sentido, D'Amorim e Araujo (2003, p. 35) se referem a essas brincadeiras que ocorrem nos festejos juninos afirmando que:

> Em meio à festa, moças e rapazes benzem-se na fogueira e, em nome do santo, "tornam-se compadres, primos ou noivos". Para isto, gritam em torno do fogaréu: "São João me disse, São Pedro confirmou que eu me tornaria compadre de Fulano".

2.2 COMO SURGIU A QUADRILHA ESTILIZADA

A partir dos anos 2000, as quadrilhas juninas começaram a sair do tradicional festejo junino de apresentação e representação da vida e ascensão de cada santo, começando a se pensar em transformar as apresentações em grandes espetáculos. Desse modo, o sentido daquilo que era apenas uma festa para lembrar e reverenciar os santos, começou a sofrer transformações. Apesar da mudança ter sido um pouco mais tardia do que em outros estados, na cidade de João Pessoa que sempre buscou estar dentro da tradição, resistindo às modificações de estilos e a participação nos concursos juninos, pouco a pouco, as mudanças foram sendo instauradas. Observamos que não foi apenas a resistência dos coletivos juninos em implementar transformações que podemos apontar como causa das mudanças que chegaram na cultura junina de João Pessoa, mas também a falta de apoio às agremiações. Com isso, uma das maiores modificações do tradicional para o estilizado, foi o fato de a junina ter sido deixada de ser apreciada apenas pelas camadas populares mais simples das cidades de interior, e se transformado em uma camada popular que chega aos palcos e concursos. Desta forma, na grande maioria das vezes transformou-se o simples espetáculo em um grande espetáculo temático, visando participar de concursos e festivais. D'Amorim e Araújo (2003, p. 46) descrevem: "Deixando de ser apreciada nos salões, a dança quadrilha foi absorvida pelas camadas populares, com função lúdica, e sofreu adaptações, envolvendo música, ritmo e instrumentos musicais, além de novos passos e coreografia".

A primeira ideia proposta à mudança foi trazer elementos temáticos, tais como a saga de determinada pessoa emblemática, estações do ano com suas peculiaridades, a obra de uma figura importante culturalmente, por exemplo. Dessa forma, busca-se um mote para quadrilha junina desenvolver sua apresentação, possibilitando integrar outros elementos e não apenas aqueles característicos de uma quadrilha junina, abrindo-se para ser um coletivo de performance temática, sem deixar de lado elementos que são muito importantes e que constroem o sentido da quadrilha junina: os movimentos, a musicalidade, os elementos prévios e ancestrais; então, a partir deste momento, a quadrilha junina deixa de ser apenas uma brincadeira de terreiro e vira um grande espetáculo para competições e para apresentações ao grande público e palcos populares.

A quadrilha troca, a partir disso, o uso do tradicional chapéu de palha por um belo panamá ou um chapéu artesanal, por exemplo. Deixa de usar chita e xadrez, para usar cetim e tecidos de

luxo; o vestido da dama que tinha um grande comprimento até os pés, a partir deste momento, começa utilizar modelos menos compridos acima dos joelhos. Simples sandálias de couro se tornam sapatos de salto elegantes; cavaleiros, em vez de camisa de botões, começam a utilizar coletes, camisa e calças de alta costura. Elementos tradicionais não foram esquecidos, mas foram trocados por outros mais exuberantes e vistosos, com brilho e mais elegância, às vezes até com uma leve comparação a outras culturas, assim com descreve as pesquisadoras D'Amorim e Araújo (2003, p. 48):

> A indumentária feminina sofreu inovações, ganhando sofisticação ao ser confeccionada com tecidos variados e mais finos, como a popelina, o filó, o veludo e enfeitado de rendas, mas sua feição tradicional vem sendo corrompida, com o aproveitamento para a dança. De roupas próprias de outras culturas como as utilizadas por ciganas e odaliscas.

2.3 ELEMENTOS E ESTRUTURAS DO PASSADO: EM NOSSOS DIAS, O QUE SE PERDEU?

Os elementos cenográficos e personagens compõem a estrutura da quadrilha tradicional, mas a depender da localidade, tais elementos podem variar, no entanto, na quadrilha, geralmente o elenco de personagens é: Noivos, Reis, Ciganos, Padre, o Casal de Marcadores, Lampião e Maria Bonita e a Sinhazinha.

Hoje, principalmente aqui, na cidade de João Pessoa, não encontramos nas quadrilhas juninas alguns desses personagens. É o caso do Casal de Ciganos e da Sinhazinha que foram esquecidos com o passar dos anos. Outros personagens figuram no elenco da quadrilha, porém, perderam suas características originárias, é o caso do Padre que, atualmente, só está presente na quadrilha para fazer o casamento dos noivos, personagens que ganharam ênfase e são os maiores representantes da quadrilha, mais conhecidos como os donos da festa. O Coronel ou casal de marcadores são conhecidos, na atualidade, como animador ou marcador solo, onde se torna proibido estar em meio a todos os outros brincantes, sendo obrigado a marcar a quadrilha e suas coreografias em solo, de forma avulsa. O animador não deve mais ter parceira ou até mesmo dançar, mas, sim, tem um papel muito forte em levar animação para o coletivo e nortear os brincantes com direcionamentos coreográficos.

Não se fala do casal Lampião e Maria Bonita com o seu bando, que com tanta energia era obrigatório no meio junino para simbolizar o reconhecimento de sua resistência no sertão, e hoje

estão sendo esquecidos pelo meio junino, onde os concursos não julgam e nem se importam com a sua presença nos espetáculos.

A rainha tomou outro rumo. Nos tempos anteriores, todos nós conhecíamos como Rainha do Milho ou Casal de Reis do Milho, agora conhecemos como majestade junina ou rainha temática, buscando elevar a sua presença no espetáculo como a mulher que traz a benção ao festejo, e que, dependendo da temática proporcionada na junina, pode também se tornar apenas uma coadjuvante no meio de outros elementos esquecidos de tanta importância no tradicional ciclo junino. Trago uma citação do pesquisador Josinaldo de Farias Flores (2024, p. 32), em seu TCC: "[…] esse personagem, realmente passou a ter um status de verdadeira "majestade", antes não tão glamorosa como as de hoje, muito se dá pela performance que elas realizam dentro da temática abordada pelo grupo".

2.4 O APOIO DA MÍDIA, ONDE ERA APRESENTADO, SUA REPRESENTATIVIDADE E ORIGEM

Tendo sua origem nas festas de interior, as quadrilhas de João Pessoa, com a iniciativa de profissionalizar o ambiente da cultura através das juninas, trazem o brinquedo para a cidade grande e o transformam em um ambiente para espetáculos e participação em concursos em níveis municipais, estaduais e nacionais, tirando o brinquedo popular das ruas e palhoças e levando para o palco e tablados. Mais conhecidos como quadras de quadrilhas, tiraram as juninas da simplicidade do arraiá tradicional de palha, para tablados enormes de madeira com estruturas físicas de grande porte, levando o brinquedo popular a se tornar uma ferramenta da cultura Junina, com espetáculos de grande porte e grandes valores monetários.

A chegada do estilizado também traz o meio digital, que dá uma amplitude gigantesca para a utilização das redes sociais, para disseminar os espetáculos juninos e a comunicação das quadrilhas juninas de João Pessoa, podendo, assim, com muita facilidade, levar os seus espetáculos para todo o mundo, como também a utilização das redes sociais para a demonstração dos seus trabalhos anuais, visando sempre o crescimento do coletivo em seus trabalhos e espetáculos. Esses aparatos tecnológicos só foram implantados a partir de 2010.

A cultura se manteve viva com uma força inigualável mesmo sem ter apoio da mídia, como a rede social e sites, para que o trabalho se mantivesse vivo. Percebemos, então, a importância de

como a divulgação era feita na minha infância, dentro das escolas, nos terreiros e palhoças comunitárias, com o poder da oralidade.

2.5 ELEMENTOS INDISPENSÁVEIS E VOCABULÁRIO DE MOVIMENTO

Tratarei de elementos que até agora não foram esquecidos e sim potencializados, mesmo com a chegada do movimento estilizado das quadrilhas juninas. Um deles é o Casal de Noivos, que antes era apenas um casal que representava o casamento matuto. Aquele casamento obrigado pelos pais da noiva, onde o noivo aproximava-se da menina mais bonita da cidade e não sabia que ela era filha do prefeito, mais conhecido como o coronel da cidade, e aí o drama estava iniciado. O coronel mandava chamar o bando de cangaceiro e na noite de São João ele era obrigado a casar-se com a moça. Hoje essa dramaturgia está bem mais amorosa, e mais atualizada ou estilizada, já não se casam mais a força; na verdade agora é o coronel que não quer mais casar a filha, porém ao descobrir o amor dela por ele, abre mão da sua única filha. A dramaturgia agora se centra nos noivos, sendo estes os donos da festa, tornando-se os protagonistas do tema trabalhado pelas quadrilhas juninas.

Como citei anteriormente, outra personagem que não foi esquecida, mas foi potencializada, é a Rainha do Milho, hoje conhecida como a majestade junina ou majestade temática. Ela aparece nas quadrilhas juninas como uma potencializadora do amor do Casal de Noivos, trazendo firmeza nesse elemento insubstituível que é o Casal de Noivos.

Cenografia, elemento esse que foi agregado no momento em que o festejo sai dos terreiros de simplicidades como as palhoças, e chega aos grandes palcos. Cenografias como banners, painéis, grandes escadarias, igreja, milharal e até mesmo a própria fogueira. Outro elemento que não mudou, mas que passou pela estilização, foi a musicalidade e os códigos de movimentos; eles ainda são os mesmos, porém executados de forma sutil e coreografados, com padrões que elevam os movimentos dando leveza e agilidade, na grande maioria de vezes trazendo dificuldades técnicas. As musicalidades podem ser as mesmas de antes, porém os toques, tons e ritmos foram acelerados, modificados para que pudessem ter um maior impacto nos espetáculos juninos.

As coreografias com passos tradicionais de terreiro ainda existem. Passos conhecidos como: *anarriê*, *anavantu*, *olha a chuva*, *olha a cobra*, *serrote*, *passeio*, *túnel* e entre outros, são utilizados e não podem ser dispensados, para que não haja o desconhecimento do tradicional e popular, do

que era antes. A criatividade de passos novos existe, como a utilização do contemporâneo ou do clássico nas apresentações, mas também não deixaram de existir elementos como os giros, a dança em par e as grandes rodas. Hoje são utilizados movimentos como base de movimentos de pé, movimentos de níveis altos, médios e baixos, movimentos de dança de salão e ritmos diversos como xote, xaxado, baião, ciranda, forró, entre outros, que se enquadram na temática proposta pela junina. Assim como descrevem as pesquisadoras Elvira D'Amorim e Dinalva Araújo (2003, p. 35) no capítulo "Ciclo Junino" do seu livro *Do lundum ao samba: pelos caminhos do coco*":

> Hoje, o ciclo Junino se caracteriza pelas danças e músicas como coco de roda, ciranda, Baião, Xaxado e Quadrilha; pelas comidas típicas da época; pela celebração de missas; pelos coloridos dos balões e bandeirolas e pela intensa participação da coletividade no evento que também conta com a parte profana de jogos e brincadeiras diversas.

3 BRINCANDO DE SER GENTE GRANDE: QUADRILHA JUNINA, MINHA PROFISSÃO

Nasci em uma família muito ligada às tradições culturais e, desse modo, pude ter contato com pessoas de diversas etnias, raças e religiosidades, assim como manifestações que sobreviveram devido ao sincretismo com os santos católicos. Eu nasci no ano de 1994, tendo como mãe biológica Andreia Karla Sousa da Silva, que, à época vivia momentos muito difíceis, com questões sociais e emocionais, cuja mãe era minha avó Edilene José de Sousa, mulher branca, católica, feirante e que lutou a vida inteira para criar seus filhos. Se vendo naquele momento com o seu primeiro neto, eu. Dentro do seu estado de emoção se viu no dever de me criar, já que a sua filha, a minha mãe biológica, não teria, naquele momento, capacidade nenhuma para tornar-se mãe precoce. E foi assim que fui criado pela melhor mãe do mundo, com uma sabedoria cultural e religiosa enorme dentro de suas vivências, com uma mente divertida, porém complicada, pois o tempo que viveu em cidade pequena sem o uso de tecnologia ou até mesmo o conhecimento educacional, limitou seu ponto de vista e seu entendimento da sociedade. Assim buscou sempre direcionar seus filhos e netos apenas para aquilo que ela conhecia ou viveu, mas trazendo também muita disciplina e vigor em sua forma de viver; o tempo lhe ensinou a tirar leite de pedra, mas também lhe mostrou o quanto ela poderia ser feliz com muito pouco.

Foi assim que eu comecei a ter meus primeiros contatos com tudo que era cultural e religioso, por trabalhar de forma braçal e nunca ter tanto tempo, ela se via no dever de me ocupar com estudos, brincadeiras, festejos, lazeres. Porém quem sempre estava ao meu lado era a minha tia, quase irmã, Andreza Sousa. Na hora de estudar, ela me ajudava muito, tinha suas metodologias não tão certas de ensinar, mas que trazia disciplina para meu corpo e minha mente. Até hoje sempre me recordo, eu queria assistir televisão e ela dizia que só podia após fazer as tarefas de casa, e na hora da tarefa, com um pouco de dificuldade eu chegava a gaguejar e a solução para a minha gagueira era uma colher de pau. Isso mesmo, o medo da colher me curou da gagueira, e foi assim que fui para a escola muito cedo fazendo parte do ensino infantil, que foi onde virei um boneco na mão das mulheres da minha vida, minha avó e minha tia, mas não de forma ruim e sim com atenção e zelo, coisa que eu não via nos pais dos meus amigos. Elas me obrigaram a participar de tudo no colégio, era do trem da alegria, festejo de carnaval e principalmente da quadrilha junina no mês de São João. Elas não sabiam que tudo aquilo seria o estopim da minha maior paixão até os dias de

hoje, e dentro do colégio eu aprendi a amar sendo quase todos os personagens das quadrilhas juninas, fui noivo, rei e brincante, assim como veremos na Figura 1.

Figura 1 – Quadrilha junina na infância.

Fonte: Acervo do Autor (2000-2001).

Minha paixão a arte junina não estagnou com o tempo em que eu ficava mais maduro. Na verdade, aquele fogo dentro do coração, a admiração pelos passos, figurinos, acessórios e tantas outras coisas, só crescia dentro de mim, No Ensino Fundamental lá estava eu montando quadrilha com os amigos para brincarmos o São João da escola, e assim foi em todas elas, no Fundamental I na Escola Municipal Matheus Ribeiro, no Fundamental II na Escola Municipal Augusto dos Anjos, e no Ensino Médio na Escola Estadual Liliosa de Paiva Leite, todas da cidade de João Pessoa-PB, no bairro do Cristo Redentor, onde morei quase toda a minha vida.

Foi neste mesmo bairro que conheci a Quadrilha Junina Fogueirinha, onde comecei a apreciar a qualidade do espetáculo profissional, o quanto era grandioso. Mesmo a Fogueirinha sendo tão simples, com trajes tradicionais, mas foi ali que encontrei o ponta pé para minha escolha como profissional da arte da dança. Percebendo que, sim, toda aquela minha admiração era amor pela arte de reproduzir o ciclo junino, e foi aí que comecei a buscar os conhecimentos prévios e mais profissionais sobre as competições e participações das juninas da cidade em todo o Nordeste. E assim decidi participar, para vivenciar todo aquele acontecimento, e claro que como tudo que

Deus faz é perfeito, tive um empurrãozinho do mestre Ronaldo Zebra, que foi lá, me pegou pelo braço e me tornou, dentro do seu espetáculo, um artesão da Borborema, artesãos responsáveis por tratar e trabalhar com o couro dos animais do nosso Nordeste. Cada apresentação meu coração gritava de emoção, e minha paixão aumentava.

Com o encerramento desse ciclo com a Junina Fogueirinha, me aparece uma nova experiência diante dos conhecimentos entre amigos e conhecidos, sobre a junina do bairro onde nasci e fui criado. A Junina Zé Monteiro, do bairro do Cristo Redentor, estava passando por maus bocados dentro de sua estrutura de elenco e participantes, que não estavam completos para dar continuidade ao seu espetáculo no ano de 2012. E assim me pego indo conhecer a mestra Dona Rosa Soares, que me recebeu muito bem, muito galanteadora e gentil, mais fui logo sentando e conversando sobre o porquê de tudo aquilo, e ela com toda sua experiência e educação olhou pra mim e disse “Meu filho, as quadrilhas estão se acabando, ninguém mais quer fazer esse trabalho” e assim fiz parte da junina nos anos de 2012 e 2013, apenas aprendendo com os erros das pessoas que tomavam conta da junina, como o projetista, o coreógrafo, o diretor musical, figurinista e, claro, com a mestra Dona Rosa e sua vasta experiência e vivências com as quadrilhas juninas.

Figura 2 – Registro com o coletivo da Zé Monteiro.

Fonte: Acervo do autor (2015).

Com o decorrer do meu período de participação, me peguei pensando, com o tempo que passou, por que eu não poderia fazer tudo aquilo que eles todos estavam fazendo, por que eu não poderia produzir um espetáculo tão bonito como qualquer um daqueles.

E, em 2014, me apareceu a oportunidade magnífica de trabalhar juntamente com o mestre coreógrafo Anderson Costa. Fomos fazer o trabalho do espetáculo da quadrilha junina Balão Dourado da cidade de Alhandra-PB. E foi ali que encontrei minhas primeiras oportunidades de criação e montagem, podendo assim aprender com esse grande mestre que levo para a minha vida toda como um irmão. E neste projeto tive a oportunidade de abrir os meus olhos e ouvidos para aprender agora o que estava certo, ele como um campeão municipal das quadrilhas juninas, assim como outros títulos que ele carrega, eu pude olhar com carinho e apreciação o seu modo de pensar e de se mover, suas metodologias de ensino, sua prática pedagógica para lidar com seu elenco e todos que faziam parte de seu espetáculo. E foi ali que eu consegui opinar e ouvir opiniões de pessoas com vastas experiências dentro do meio junino, e juntos criamos um elenco maravilhoso, unido, com uma aliança cultural e força de vontade de mostrar o nosso espetáculo do ano e trazer o título para casa mais uma vez. E assim foi feito, noites de reuniões de pesquisas, de produção de figurinos, acessórios, adereços, entre outros. Pudemos nos apresentar e ter um grande êxito no ano

de 2014, com o tema “A Saga Nordestina da Amazônia”. Trouxemos o título para a cidade de Alhandra, onde pude compartilhar dos meus conhecimentos prévios, assim como adquirir novos conhecimentos e vivências, com a vasta experiência do mestre Anderson Costa e todo o elenco que compõe a direção.

Figura 3 – Mestre Anderson Costa e Yan Santos.

Fonte: Acervo do autor (2014).

Em 2015 fiz o retorno à Junina Zé Monteiro do bairro do Cristo, mas desta vez pelo pedido da mestra Rosa Soares, para ser o produtor do espetáculo anual, onde tive o prazer de permanecer durante quatro anos, de 2015 a 2018, agregando vários títulos e colocações na competição municipal de quadrilhas juninas de João Pessoa, saindo também da série B das quadrilhas, subindo assim para a série A. Produzindo na oportunidade novos brincantes e disseminando a cultura viva das quadrilhas juninas na nossa cidade e cidades circunvizinhas, saí apenas no ano de 2019, visando agregar ao meu currículo novos nomes culturais e novos aprendizados.

Produzi, assim, o espetáculo da Junina Botijinha, do bairro de Cruz das Armas em João Pessoa, junina essa que tem como mestre o senhor Marcos Antônio, vulgo Bonerge. Essa é uma das juninas mais antigas da cidade, vivendo sempre na resistência de manter viva a cultura popular

tradicional do Nordeste.

Com o mestre Bonerge eu aprendi a valorizar o processo de criação de modo mais simples, sem muita estripulia, brilho e grandiosidade. Fizemos juntos um espetáculo que trazia a simplicidade de um São João das antigas com chita e tecidos mais simples, mas também o estilizado na forma de passos mais elaborados, tecidos como cetim e entre outros com brilho natural. Com essa produção, a junina teve pela a primeira vez a sua primeira elevação ao grupo especial há mais de 35 anos de existência. Dá para imaginar o tamanho da nossa alegria, mas diante de todo o ocorrido, sua família cresceu o olho nos futuros frutos que esse título traria à quadrilha junina Botijinha, e esse envolvimento não caridoso me fez pensar o porquê de estar passando por isso, com dificuldade de elenco, de produção, apoio e entre outros milhões de problemas, não ocasionados por mim.

Figura 4 – Mestre Bonerge e Yan Santos.

Fonte: Acervo do autor (2018).

E assim eu tomei a decisão mais difícil, entre todas as decisões já tomadas por mim, durante minha vida artística nas quadrilhas juninas: fundar a minha própria quadrilha junina, onde eu poderia tomar o controle geral de tudo, mas não por interesse em retorno como vitórias em campeonatos, mas sim para agregar e disseminar a cultura das quadrilhas juninas nas comunidades e bairros da minha cidade. E juntando os amigos brincantes, parceiros e conhecidos do meio junino, fundamos a Quadrilha Junina Babado de Xita, no ano de 2019, mesmo que no fim do período junino, e conseguimos nos unir e fazer valer a pena o nosso amor pelas quadrilhas juninas,

fundando o nosso coletivo. Visando elevar o trabalho das quadrilhas juninas da minha cidade, buscando e entregando qualidade e respeito, por onde passou e passa até os dias de hoje.

3.1 OPORTUNIDADES, ESCOLHAS E DESAFIOS

Nesta seção discorremos sobre oportunidades surgidas nas juninas, as escolhas e métodos para dar vida aos espetáculos e desafios enfrentados com elenco e entre outras problemáticas.

Na Junina Balão Dourado, a nossa maior dificuldade era o tempo hábil de trabalho ou de ensaios, estávamos no interior, com pouca infraestrutura, onde 90% da cidade trabalhava na lavoura ou de forma braçal. O cansaço tomava conta do corpo dos brincantes, que precisavam estar na feira de madrugada para trabalhar ou na roça para capinar. Porém, mesmo assim, o nosso incentivo e empenho incansável levava para o coração de cada brincante a importância de participar e de manter viva a arte das quadrilhas juninas.

Já na Junina Zé Monteiro, eu encontrei duas das maiores dificuldades, que era não ter um elenco ou brincantes interessados em participar do nosso grupo, assim como apoios financeiros para que pudéssemos produzir o nosso espetáculo inicial. Mas precisávamos de solução, então, apelando para a metodologia da oralidade, começamos a sair em campo de um em um, de boca a ouvido e dê ouvido a boca, e conseguimos montar um elenco pequeno e verde, sem experiência nenhuma no que estavam entrando. Porém a minha determinação de fazer acontecer era maior do que a dificuldade encontrada. Começamos a trabalhar em ensaios apenas para as meninas, trabalhando o jogo de saia, garbo, postura e elegância, e logo após ensaio dos homens para trabalhar pernas e jogo de chapéus, de início sempre pensando e utilizando do artifício do básico e do fácil para que pudéssemos agregar aquelas pessoas com poucas ou quase nenhuma experiência com dança ou até mesmo com quadrilha junina.

Logo em seguida começamos a trabalhar a questão dos apoios, por não haver incentivo real e financeiro de forma direta para as quadrilhas juninas. Buscamos trabalhar entre nós na criação de bingos e rifas beneficentes, onde encontramos uma forma básica de angariar fundos para ajudar a quadrilha junina ou até mesmo qualquer pessoa que quisesse participar e não tivesse o mínimo de condição financeira.

Hoje em dia, as grandes e vitoriosas juninas que existem estão virando um mercado de comércio, de forma que cada um que tenha intenção de participar deve pagar para isso. Eu sempre

mantive firme a força da união do coletivo, para que possamos levar a quadrilha junina para todos os que gostam e admiram, e não só para os que podem financeiramente. A quadrilha junina não pode ser apenas competição, ela precisa entrelaçar a comunidade, a periferia e a todos, com arte tradicional, que norteia o nosso Nordeste há séculos.

Minhas escolhas me levaram a abraçar formas de vida coletivas, pensando não só no trabalho que seria realizado para aquele devido espetáculo, mas sim a forma de ver a vida e a singularidade do outro e a pluralidade da diversidade humana. Minhas escolhas me levaram a ser mais do que um simples produtor de espetáculos, coreografias, figurinos temáticos e tudo aquilo que agrega à quadrilha junina no arraiá, tendo que ser mais do que amigo de todos que vivenciam os ensaios, saídas e apresentações, me tornando, além de um professor, também um psicólogo, uma mãe, um pai, um irmão, um primo, entre outras relações que transbordam o ato de ensinar ou de liderar.

3.2 LIDERANÇA, PROCESSO DE FUNDAÇÃO

Neste tópico, discorro sobre onde me descubro um líder, me tornando um mestre do meio cultural, e o processo de transmutação de apenas produtor para administrador cultural.

Em meio a todas as minhas oportunidades de construção de espetáculos juninos, na quadrilha Zé Monteiro, Balão Dourado e Botijinha, sempre me peguei a pensar por que eu fazia espetáculos maravilhosos e que traziam retorno de títulos para as juninas de João Pessoa. Questionava-me o porquê de não construir a minha própria história como presidente e líder de uma junina própria, e com o passar dos tempos, meus amigos e brincantes começaram a se perguntar por que eu tinha tanta organização em trabalhar e montar o grupo para as pessoas, e nunca tinha pensado em montar meu próprio grupo, e minha resposta era sempre a mesma: “É muita responsabilidade”. E com o passar do tempo esse mesmo grupo de pessoas começou a me direcionar ao caminho de pensar em deixar de ser apenas um produtor e me tornar um coordenador.

O estopim para a decisão de não mais produzir para novos mestres ou continuar com os que já tinham passado, vinha da negação de não poder ser eu mesmo, não poder direcionar da melhor forma o meu espetáculo, não poder potencializar estruturas físicas e financeiras do espetáculo produzido. Essas limitações começaram a me incomodar de uma forma singular.

No ano de 2019, o presidente da liga das quadrilhas juninas de João Pessoa, o mestre Edson

Pessoa, olhou nos meus olhos em reunião e me fez a mesma pergunta que todos que me conheciam já tinham feito. E esse foi um momento irreparável na minha vida. Ao perguntar o porquê de continuar sofrendo nas mãos de outras pessoas, e não fundar meu próprio grupo, eu logo respondi: “se eu tiver o seu apoio eu farei”. Em seguida ele falou: “junte seu povo, crie o nome e corra para o cartório, que eu lhe colocarei na liga imediatamente”, E assim foi feito. Nos unimos na data de 5 de setembro de 2019 e ali fundamos o Grande amor da minha vida, a Quadrilha Junina Babado de Xita.

Foi com esse grande pontapé inicial que me tornei líder e coordenador de um grupo, onde tenho mais liberdade de expressão e de colaboração. Um grupo no qual posso fazer a diferença, direcionando cada pessoa para fazer o certo com a cultura popular, aprendendo a dar a alma em nossos projetos, e é assim que me permito deixar de ser apenas um produtor de espetáculo, e mais do que nunca me torno um produtor cultural e mestre de uma comunidade que abraça a arte e cultura viva.

3.3 LAÇOS CONSTRUIDOS: SENTIMENTOS QUE ME CRUZAM, PESSOAS QUE AFETO E CARREGO COMIGO NO MEU PROGRESSO DE EVOLUÇÃO NO MEIO JUNINO

Carrego comigo não só todos os mestres que me passaram aprendizado, conhecimentos e vivências, mas também todos aqueles que moveram junto comigo todas as minhas experiências, pessoas que buscam abraçar minhas ideias, minhas perspectivas, pessoas que discordaram mesmo eu estando certo, e as que apoiaram mesmo eu estando errado.

O processo de criação move a vida de todos que se empenham na produção. Pesquisar, estudar, colocar em prática, criar coreografias, buscar musicalidades, criar temáticas, produzir adereços, painéis, entre outros milhões de moveres existentes em uma obra, materiais feitos por pessoas, por mãos artesãs, homens e mulheres que ali estavam para brincar, se divertir, se distrair de um dia cansativo de trabalho, ou até mesmo do estresse de cuidar de sua casa dos seus filhos e entre outras questões.

Essas alianças no decorrer do tempo, entre 2010 e 2019, vinham à tona neste momento de criação de uma nova família, onde, sem obrigar ou obstruir a vida de cada grupo por onde passei, me vi com os laços criados a me seguir nessa nova jornada que se iniciava. Pessoas como meu parceiro de vida Erick dos Santos, minha irmã Anni Clara, meus amigos, Mary Silva, Carlos

Geronimo, Edmilson Salviano, Francineide dos Anjos, Wamberto dos Santos, Dhonatas Tragino, João Victor, entre outros que se fazem presente até hoje nas minhas produções juninas, pessoas essas que sem fizeram parte das minhas decisões e criações dos meus projetos.

A minha evolução no quadro junino da cidade de João Pessoa não se valida apenas aos meus pensamentos e atitudes, se validam também a todos que estavam nos processos de produções anuais em cada junina que passei, assim como valido e potencializo que sem todas essas pessoas que hoje fazem parte da quadrilha junina Babado de Xita, não existiria o projeto, o coletivo que pra nós é mais que uma família. Me tornei mestre da cultura popular paraibana, dentro da cidade de João Pessoa, através de todos os meus projetos que foram potencializados devido à participação de cada um que faz a comunidade do jardim Itabaiana no bairro do Cristo, onde muitos dão vida ao coletivo Babado de Xita. Então, foi sendo abraçado que consegui ser titulado Mestre, por meio do edital de premiação João Balula no ano de 2023, pela Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope).

3.4 MARCO HISTÓRICO DE 2019 A 2024 NA QUADRILHA JUNINA BABADO DE XITA

Neste tópico consta a descrição do processo passo a passo da primeira vitória, como surgiu o tema, musicalidade, coreografia, figurino, cenário e casamento matuto. Assim como também a descrita de elaboração.

Dentro do processo de criação e permanência da Quadrilha Junina Babado de Xita até o ano de 2024, venho atravessando uma grande estrada de desafios e glórias dentro de nossas produções. Logo em nossa fundação tivemos que nos adaptar ao novo momento de visão geral de saúde para as produções artísticas. Com a chegada da pandemia de covid-19, esse foi o nosso primeiro desafio, permanecer com as produções artísticas como ensaios, oficinas, montagens e criação de acessórios de forma virtualizada, por videochamadas e entre outras formas de ver o mundo naquele momento. Atravessamos esse período sem muita produção física, até chegar ao ano de 2021, quando podemos voltar a produzir de forma gradual, porém com uma quantidade de pessoas limitadas no elenco. E assim fizemos o nosso primeiro espetáculo junino com o tema: “Ai que saudades do meu são João”, apresentado em forma de live para todo o Brasil, pelo o canal de YouTube da liga de quadrilhas juninas de João Pessoa[1].

[1] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=q6ALndZuRIg. Acesso em: 13 nov. 2024.

Figura 5 – Registro da live da quadrilho Babado de Xita, 2021.

Fonte: Acervo do autor (2021).

Em seguida demos continuidade aos nossos trabalhos de montagem para o ano de 2022, buscando transformar os nossos métodos de trabalhar com distanciamento, higienização, entre outras regras que estavam sendo aplicadas até aquele momento na sociedade. Mesmo com todas essas regras, conseguimos unir uma grande quantidade de pessoas para o nosso elenco para o espetáculo do ano de 2022, diante disso, apareceram os novos desafios, como conseguir um novo espaço para os ensaios, por conta do empecilho da falta de permissão da gestora para o uso do espaço do ginásio da Escola Municipal Augusto dos Anjos do bairro do Cristo Redentor, local em que, desde antes de nossa fundação, fazíamos nossos encontros e reuniões. Até que fomos abraçados por uma nova comunidade também do mesmo bairro, a comunidade Vale das Palmeiras II, onde podíamos fazer nossos ensaios e encontros semanais no prédio do Centro de Referência de Assistência Social (Cras).

A comunidade nos abraçou, não só disponibilizando o espaço para nossos encontros, mas também com a participação de novas crianças e adolescentes que ali residiam. Assim o projeto do ano de 2022 teve êxito no festival das quadrilhas juninas de João Pessoa assim como também em sua forma de disseminação da cultura, em nossas apresentações comunitárias e em igrejas

periféricas. Não tivemos um grande retorno, ficando apenas em sétimo lugar diante de todos os outros espetáculos apresentados, mas nunca desanimamos. O projeto sempre foi realizado com a intenção de levar cultura para os bairros carentes, sendo assim demos continuidade no trabalho para o ano seguinte.

Figura 6 – Registro do concurso em 2022.

Fonte: Acervo do autor (2022).

No ano de 2023 iniciamos os nossos ensaios e encontros no mesmo espaço do ano anterior, mas devido ao resultado não tão animador a comunidade começou a nos deixar de lado e trouxe a junina rival do bairro para produzir os seus trabalhos no mesmo espaço em que trabalhávamos. Diante disso, tivemos que, assim como antes, buscar um novo espaço para os nossos encontros semanais, luta essa de extrema acidez, pelo fato de o nosso bairro ter tantas escolas públicas em que os gestores não abraçam a cultura popular. O bairro tornou-se cada dia mais escasso de matéria e coletivos culturais. Diante de muita correria e esforço, encontramos a Escola Estadual Orlando Cavalcante Gomes, tendo como gestora a diretora Elenice Menezes, uma grande mestra, que abriu os braços para o nosso projeto anual e que vem até os dias de hoje nos abraçando com muita garra e dedicação.

Demos início ao nosso processo de ensaios e encontros semanais com todo o elenco. O grupo se viu um pouco desfalcado naquele momento, porém com o início dos nossos ensaios, a comunidade vizinha chamada de Jardim Itabaiana começou a nos abraçar e agregar ao nosso espetáculo, com novos integrantes. E a nossa produção começou a ganhar corpo e vida, a nossa

direção, muita animada com o espaço e com o elenco, começou a produzir novas formas de arrecadação para nosso espetáculo. Além de rifas e bingos, fizemos também apresentações particulares em festa de aniversário e em outros momentos de vida. Com tudo isso, produzimos o espetáculo do ano de 2023, que tinha como tema: “A Lenda da Flor de Mandacaru”. Este espetáculo nos levou ao grupo especial das quadrilhas juninas de João Pessoa, nos deixando em segundo lugar no grupo de acesso. Essa vitória nos trouxe muitas luzes, como mais pessoas para nosso elenco no ano seguinte, mais oportunidade de recurso financeiro pelo o projeto do Fundo Municipal Cultural (FMC), e mais oportunidades de construir novas histórias dentro da cultura popular paraibana.

Figura 7 – Registro do concurso de 2023.

Fonte: Acervo do autor (2023).

No ano seguinte, em 2024, a junina veio trabalhar sua permanência no grupo especial, com os pés no chão, humildade e consciência de que seu trabalho e a disseminação cultural na nossa cidade é o que mais importa. E assim foi feito o nosso espetáculo de 2024, com o tema: “O Milagre do Sol”, buscando trazer um pouco mais de fé e religiosidade para os brincantes e pessoas que admiram o nosso trabalho. A junina fez um espetáculo que fala sobre o milagre realizado por Nossa Senhora do Rosário, na cidade de Fátima, em Portugal, no ano de 1917. Na ocasião, Nossa Senhora trata de tentar tornar as pessoas mais fervorosas, com um ocorrido do Sol, tornando-o um ser de dançar e de mover, de forma que veio a assustar todos os seres vivos da Terra. Essa temática foi trabalhada pelo coletivo na construção da fé no festejo de São João, mostrando que, sem fé, fervor e vontade de produzir e participar, não haveria mais o festejo de São João.

Figura 8 – Registro do concurso em 2024.

Fonte: Acervo do Autor (2024).

Nessa oportunidade, nós trabalhamos de forma gradual em pesquisas e construções do processo de espetáculos, como produzir e relatar o momento tão religioso em: tema, figurino, repertório musical, coreografias, cenários e casamentos matutos.

A seguir, alguns dos elementos que o espetáculo junino precisa trabalhar para sua desenvoltura e elaboração, para que possamos assim ter um festival junino. Encontros e concursos, esses elementos compõem um espetáculo de forma gradual, de modo que um entrelaça o outro. E toda pesquisa para a montagem de um espetáculo junino é baseada nesses diferentes elementos.

3.4.1 Tema

O tema foi retirado de um filme que tem como o título *O milagre do Sol*, do ano de 1917, que relata a história da aparição de Nossa Senhora do Rosário na cidade de Fátima, buscando trazer mais fé para o povoado daquela região, que se encontra em guerra civil e religiosa, buscando utilizar da fé do ser humano para sua salvação e o fim da guerra. Então, transformamos a história em um tema junino para os mesmos devidos fins, levar fé para todos admiradores da festa de São

João.

3.4.2 Figurino

Diante da escolha da temática, buscamos entrar na pesquisa de melhor cor e forma para o figurino do nosso espéculo, e não tinha como fugir dos traços majoritários da temática que eram a fé e o Sol. e então, assim construímos um figurino com base na cor amarelo canário, buscando acender os corpos que ali estariam vestindo, com o coração sagrado da mãe de Jesus no centro da roupa, um crucifixo para a representação da fé, e como não podemos fugir do formato tradicional, estilizamos muitos babados e brilhos para que o figurino pudesse ascender ao brilho da luz.

3.4.3 Repertório musical

Nossa pesquisa musical está sempre relacionada à temática proposta, algo que não pode fugir de jeito nenhum, mas também tem que estar relacionada ao festejo junino. Então, essa foi uma das maiores dificuldades de pesquisa para este espetáculo: buscar músicas que falassem de sol, mas que também suprisse a fala da fé e que tomassem o festejo, mas conseguimos buscando músicas famosas, com ritmos de grandes compositores como: Luiz Gonzaga, Alcymar Monteiro, Elba Ramalho, Geraldo Azevedo, Bel Marques, Alcione, entre outros maravilhosos artistas que fazem seu trabalho para facilitar a nossa construção musical. Algumas músicas selecionadas foram: “Cometa mambembe”, “Rosa dos ventos”, “Ela nem olhou pra mim”, “O juízo final”, “Nordeste sangrento”, “Que força é essa” e o xote “Dia branco”. Em alguns casos, é necessário adaptar as músicas para que se adequem a nosso espetáculo, como mudança de letras e ritmos.

3.4.4 Coreografias

As coreografias são elaboradas de acordo com a temática, trazem movimentos religiosos, assim como os grupos de gestos, porém também não podemos esquecer da tradicionalidade já existente há décadas, como os passos: anarriê, anavantu, olha a chuva, olha a cobra, túnel, passeio e serrote, assim não deixando morrer ou desaparecer os movimentos básicos que dão origem a quadrilha junina. Nos tempos em que vivemos, os passos tradicionais estão sendo deixados de lado

pelos movimentos estilizados, como: base lateral, de frente, balançada, joga de braços e até mesmo os movimentos corporais da dança de salão e dança contemporânea. Vale salientar que a junina Babado de Xita usufrui de ambas as formas de trabalho, para que possamos nos atualizar e estar no patamar das grandes juninas de competição. A pesquisa e laboratório são realizados meses antes do início dos nossos encontros com o elenco para elaboração e criação coreógrafa. Visando o crescimento do conjunto, elaboramos coreografias com todos esses traços citados anteriormente, mas também com alguns elementos obrigatórios devido à participação em concursos, elementos como: sincronismo, dificuldade técnicas e padronização dos movimentos, assim como também a formação da junina em quadra. Todo esse trabalho de pesquisa e elaboração, na grande maioria das vezes, é adaptado por causa da não identificação corporal de novatos do grupo, ou dificuldades de execução, e nesse momento são agregados passos mais fáceis e tradicionais para melhor adaptação do elenco.

3.4.5 Cenários

Esta etapa só é posta em execução no fim do processo de montagem, pois alguns padrões são colocados no uso. Cenários obrigatórios e tradicionais usados são: a igreja católica, a cidade de interior, adereço para casório, que pode ser arco, carroça, entre outros, e o adereço principal, o painel temático e de identificação do coletivo. O processo de construção é feito através da contextualização temática mas também da tradição do festejo, usando lembranças de momentos vivenciados como as comidas típicas, cheiros dos fogos e das fogueiras, gerando sensações de se estar em um sítio, interior ou roça. Os adereços e cenários são usados para nos levar para aquele local específico do tema, onde a história ocorreu, ou supostamente tenha ocorrido, e assim como todo festejo junino, em seus primórdios foram realizados em interiores.

3.4.6 Casamento matuto

Este item já é algo bem internalizado, ou, por mais dizer, literal. O casamento matuto sai da ideia dramatúrgica do noivo não querer casar com a noiva, mas o coronel, o dono da cidade, pai da noiva, vai buscar virgulino lampião para obrigar o noivo a casar no dia de São João, porque só assim poderá ocorrer o festejo de São João na cidade. E por já haver um roteiro pré-definido, muitas

juninas optam em apenas replicar o contexto já existente. Porém dentro da forma de concurso, a dramaturgia tem que ser trabalhada embasando a temática expressada pelo o grupo, assim como fizemos todos os anos. Trago como exemplo nossa temática deste ano, que trabalhava a ideia de nossa senhora, com uma aparição para três pastores no dia do festejo, e apenas com essa aparição, dois dos pastores enfim podiam casar-se diante da benção de nossa senhora e da igreja católica, onde lampião se torna apenas um convidado e o coronel apenas o marcador da junina.

Transformando todo esse contexto em uma temática para o espetáculo da quadrilha junina Babado de Xita 2024, tivemos muitas perspectivas e visões, dentro da realidade que vivemos. Mas a realização do processo foi gradual, de forma que fomos produzindo item por item, montando e transformando um quebra cabeça de tantas peças, com histórias diversas de uma grande pluralidade de pessoas, mas que no final trouxe frutos diversos, assim como a permanência no grupo especial do festival de quadrilhas juninas. O brilho no olhar das pessoas que nos assistiam, os relatos do público, jurados e amigos, a satisfação de mostrar o nosso trabalho na nossa cidade, comunidades e bairros. O retorno não foi monetário, mas foi espiritual, a grandeza de sentir o sentimento de todos os que participaram felizes e satisfeitos de um belo trabalho, com muito esforço e energia humana, foi um retorno de uma vivência espetacular em dançar, cantar, pular e viver mais um São João.

3.5 FOMENTO E INCENTIVOS FINANCEIROS

No início da minha trajetória para produzir as quadrilhas juninas, entre os anos de 2010 a 2014, por não ter acesso aos meios de fomento, a única maneira possível para levantar fundos que pudessem viabilizar a produção foram ações beneficentes, como a produção de rifa, de bingos e sorteios. Desse modo, essas ações eram de suma importância, pois era a única forma de viabilizar tais produções.

A partir do ano de 2015, comecei a me colocar à frente das questões financeiras, administradas por mim e também pelos mestres de cada junina onde passei. Assim, aprendi que todos os anos, desde que as quadrilhas juninas foram agregadas ao calendário cultural da cidade de João Pessoa, podíamos contar com o apoio financeiro da Funjope – Fundação Cultural de João Pessoa – ligada ao FMC – Fundo Municipal de Cultura. Esses órgãos dispunham de algum recurso para as atividades culturais da cidade. Tais fundos são transferidos para os coletivos através de

editais de fomento e incentivo à cultura local. Até 2019, quando se iniciou a pandemia de covid-19, esta inscrição era realizada de forma presencial. O portal de transparência da prefeitura lança o edital ou aviso para todas as juninas que participam do coletivo ONG/Deculp – Liga das Quadrilhas Juninas de João Pessoa Como já citei anteriormente estes órgãos, em conjunto, fazem a organização da distribuição desta verba para todos os coletivos, como também dos festivais[2].

Após a pandemia da covid-19, todos ainda estavam muito apreensivos, sem saber o rumo que as coisas iam tomar, assim, a Funjope criou o projeto Papel Zero. A ideia foi criar editais, cadastros, e todos os outros processos de inscrições *on-line*, assim trabalhando com uma plataforma que foi criada especificamente para o público e para os produtores de cultura na cidade, portal esse que qualquer pessoa pode ter acesso, chamado de JP CULTURA[3]. Através desta plataforma, fazemos a inscrição para o processo de seleção, para que possamos ser premiados pelo edital, que neste ano de 2024 teve o valor reavaliado, assim como em todos os anos. As juninas são divididas em duas categorias: A e B, e de acordo com essa divisória são definidos os valores, que em 2024 foi R$ 23 mil para o grupo B e R$ 30 mil para o Grupo A. Valor este que foi ajustado de acordo com as políticas públicas municipais, com a decisão de aumento de 20% em cima do valor do ano anterior.

Pego a me lembrar que nos anos anteriores, o recurso que vinha do FMC – Fundo Municipal de Cultura – para cada coletivo e grupo junino era irrisório, era como uma ajuda de custo, assim como descreve no edital do ano de 2013:

> Serão selecionadas 27 (vinte e sete) quadrilhas juninas, sendo 10 (dez) do Grupo A e 17 (dezessete) do Grupo B, segundo classificação apresentada pela Liga das Quadrilhas Juninas de João Pessoa. A distribuição dos recursos por categoria será realizada da seguinte forma: I – Quadrilhas Juninas do Grupo A: a) Poderão ser contemplados 10 (dez) grupos no valor de R$ 12.000,00 (doze mil reais) cada. II – Quadrilhas Juninas do Grupo B: a) Poderão ser contemplados 17 (dezessete) grupos no valor de R$ 10.000,00 (dez mil reais) cada (João Pessoa, 2013).

Em comparação com o ano de 2024, veremos uma enorme diferença de valores, como assim informa no site *G1* Paraíba:

> Conforme o edital, disponível no site da prefeitura, dois grupos de quadrilhas juninas serão

[2] Exemplo de um edital, disponível em: http://antigo.joaopessoa.pb.gov.br/licitacoes/edital-de-apoio-as-quadrilhas-juninas/. Acesso em: 13 nov. 2024.
[3] Disponível em: http://antigo.joaopessoa.pb.gov.br/licitacoes/edital-de-apoio-as-quadrilhas-juninas/. Acesso em: 13 nov. 2024.

> contemplados. O Grupo A poderá ter até dez propostas, com prêmios individuais de R$ 30 mil; enquanto o Grupo B poderá ter 11 propostas, com premiações de R$ 23 mil para cada. As quadrilhas juninas selecionadas para receber o apoio financeiro da Prefeitura Municipal de João Pessoa devem executar suas apresentações entre 3 de junho e 31 de julho de 2024. As inscrições acontecem pela internet, na plataforma JP Cultura, até o dia 17 de maio de 2024. Os representantes das juninas devem preencher um formulário e enviar a documentação exigida. O resultado será divulgado até o dia 5 de junho 2024 (São João 2024…, 2024).

No ano de 2024 também conseguimos angariar, com muita luta, o recurso do estado da Paraíba. A liga das quadrilhas juninas sempre buscou desde muito tempo a ajuda financeira do governo do estado e jamais se obteve resposta, mas com a graça da persistência, conseguimos um edital de fomento e incentivo para nossos espetáculos juninos, assim como afirma o site do governo do estado:

> O Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Cultura (Secult-PB), publicou no final da noite dessa sexta-feira (26) de abril de 2024 o resultado preliminar da etapa de análise de objeto do Prêmio Paraíba Junina, que vai premiar quadrilhas juninas com perfis de competição e comunitária de todas as regionais de cultura. Esse é o primeiro edital lançado em 2024 como parte da Política Nacional Aldir Blanc (Pnab) de Fomento à Cultura e nesta etapa do processo foram atribuídas notas de 0 a 10 a cada uma dos projetos habilitados.
>
> "Vamos pagar as quadrilhas juninas contempladas ainda no mês de maio, para que os recursos cheguem a tempo dos festejos de São João, que acontecem no mês de junho. Esse é um compromisso que firmamos desde o início do ano com o segmento", pontuou Pedro Santos, secretário de Estado da Cultura.
>
> Cada quadrilha junina de competição contemplada vai receber uma premiação de R$ 15 mil, enquanto cada quadrilha junina comunitária vai receber o valor de R$ 5 mil. O edital previa contemplar 120 quadrilhas de cada um dos segmentos, mas esse número não foi alcançado. Seguem aptas ao prêmio 93 quadrilhas juninas com perfil de competição e 67 quadrilhas juninas com perfil comunitário.
>
> De toda forma, os valores restantes dos editais da Pnab deverão necessariamente ser utilizados no próprio segmento previsto na seleção, conforme ficou decidido em reunião do Conselho Estadual de Política Cultural da Paraíba (Consecult-PB), realizada também nessa sexta-feira (26) de abril de 2024. Isso significa que a parte dos R$ 2,4 milhões previstos para o Prêmio Paraíba Junina que não for investida nos projetos vai ser destinada para alguma outra ação dentro da própria área das quadrilhas e das festas juninas.
>
> Ainda assim, com o objetivo de contemplar o maior número de quadrilhas juninas, os recursos de uma regional com menos demanda foram remanejados para outras regionais com maior demanda como forma de atender todas aquelas quadrilhas inscritas que estavam dentro do perfil definido em edital (Secult-PB Publica…, 2024).

Percebemos, então, o quanto o ciclo junino vem crescendo cada dia mais e mais e sendo um dos precursores da sustentabilidade de muitos artistas que vivem no lado vulnerável da história, trabalhando dentro das comunidades, buscando levar a cultura viva das quadrilhas juninas para gregos e troianos, ricos e pobres da nossa cidade. E percebemos assim que também estamos no

pódio da lista da economia criativa da cidade de João Pessoa, trazendo oportunidades de trabalho a costureiras, aderecistas, sapateiros, soldadores, marceneiros e gastando tanto com tecidos, aviamentos e acessórios. E com tudo isso ainda temos tempo para quebrar barreiras sociais, e mesmo com tão pouco recurso, podemos disseminar a arte das quadrilhas juninas em nossas comunidades.

Porém, buscando dar ênfase em nossa luta diária de se manter viva dentro das comunidades e periferias de nossa cidade, a Junina Babado de Xita, não faz espetáculo apenas com este recurso de incentivo da prefeitura ou do estado, quando temos. Dependemos muito mais dos brincantes e apoiadores. Por exemplo, neste ano de 2024 a Junina Babado de Xita se fez presente no Festival de Quadrilhas de João Pessoa, tendo gasto em todo o seu espetáculo o valor total de R$ 65 mil, arrecadado por meio dos editais de incentivo mas também de forma informal, com rifas, bingos e outros sorteios, para que pudéssemos chegar ao valor estimado e gasto no São João 2024.

A luta dos meus brincantes e da minha diretoria não se resume apenas em montar o espetáculo de forma de pesquisa, ou em forma de imaginário, mas sim tornar toda essa pesquisa em real, em vida, podendo assim transformar pequenas pesquisas e simples temáticas em grandes espetáculos juninos de fé, amor e adoração.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Olha pro céu, meu amor
Vê como ele está lindo
Olha pra aquele balão multicor
Como no céu vai sumindo

Olha pro céu, meu amor
Vê como ele está lindo
Olha pra aquele balão multicor
Como no céu vai sumindo

Foi numa noite igual a esta
Que tu me deste o coração
O céu estava assim em festa
Porque era noite de São João

Havia balões no ar
Xote, baião no salão
E no terreiro o teu olhar
Que incendiou meu coração

Olha pro céu, meu amor
Vê como ele está lindo
Olha pra aquele balão multicor
Como no céu vai sumindo

Olha pro céu, meu amor
Vê como ele está lindo
Olha pra aquele balão multicor
Como no céu vai sumindo

Havia balões no ar
Xote, baião no salão
E no terreiro o teu olhar
Que incendiou meu coração
Olha pro céu, meu amor
Vê como ele está lindo
Olha pra aquele balão multicor
Como no céu vai sumindo

Olha pro céu, meu amor
Vê como ele está lindo
Olha pra aquele balão multicor
Como no céu vai sumindo.
Luiz Gonzaga

A canção do mestre Luiz Gonzaga que inicia estas considerações me traz, de forma afetiva, a lembrança das minhas memórias em meio a todas as juninas por onde passei, e me faz parecer um marco, uma pista, para refletir sobre tais mudanças, transformações e releituras.

O percurso de escrita deste trabalho seguiu minhas vivências e memórias que consolidam a trajetória e formação de um jovem mestre quadrilheiro. Nesta trajetória, consigo destacar alguns caminhos que me fizeram desenvolver um sentido de devotamento aliado ao desejo de celebrar o ciclo junino. Tais caminhos apontam cruzamentos e por eles vou trilhando, tendo como objetivo refletir sobre a formação e manutenção das juninas na cidade de João Pessoa.

Creio que o primeiro cruzamento a ser trilhada aponta para um São João que pertenceu a um tempo longínquo e está guardado na memória de todos aqueles que conservam o sentido de celebração dos santos juninos. Tal como na letra da canção de Luiz Gonzaga, exaltar os encontros, o amor, a beleza dos arraiais juninos foi o grande mote. No entanto, este cruzamento a ser trilhada me faz compreender que passou a existir uma cisão entre a festa junina, aquela dos arraias e um fenômeno, bastante recente – a quadrilha junina – nos moldes atuais, também chamada de quadrilha estilizada. Me parece ter havido um descolamento entre a celebração junina e as quadrilhas. Estas ganharam notoriedade e adquiriram um sentido espetacular muito acentuado, dando às juninas o

status de show, independente das celebrações aos santos juninos. O céu estrelado das noites de junho, xote, baião, balões multicoloridos, bandeirados e outros elementos que compõem a festa junina deram espaço para criar algumas convenções e, até mesmo, recriar novos elementos estruturais que passaram a compor as quadrilhas.

Outro cruzamento aponta para o caminho das origens da celebração. É sabido que as festas juninas marcam o período de colheita, principalmente do milho e de tubérculos, é um período de comemorar os encontros e festejar as dádivas da terra. Também marca um período de renovação que tem como símbolo o solstício de inverno, aqui no hemisfério sul. Realmente é uma festa ligada à terra, aos astros celestes, principalmente ao Sol que possibilitou maturar os tubérculos e o milho. As comidas que pertencem à tradição junina também são solares, quentes, passam por cozimento longo e pela transformação dos grãos em iguarias. As canções tradicionais dos arraiais juninos ainda atravessam o tempo e remontam às cantigas de amor, cantigas de amigos, que foram sofrendo transformações até encontrarem no forró, no baião e no xote suas formas mais atuais. Ao puxar essas celebrações pela memória, percebo que as quadrilhas foram ganhando um espaço autônomo das festas. Elas sofreram transformações em sua estrutura, vestimenta, música e sonoridade, coreografia e ações e ganharam uma dramaturgia específica.

Outro aspecto que me pego a cruzar neste trabalho, é o desenvolvimento e estruturação da elaboração de um espetáculo junino, assim como trago toda a desenvoltura da fundação aos meus entrelaços, como as conquistas e formas de construir meus espetáculos juninos, dando como exemplo narrativo minhas vivências com as juninas por onde passei, e com a família fundada por mim, a Quadrilha Junina Babado de Xita.

Diante de todos estes relatos, entre as minhas memórias e vivências, percebo que não nos compete, tampouco seria pertinente pensar em perdas, o que observamos são novos caminhos a percorrer. São formas espetaculares em transformação, caracterizadas pelo diálogo entre tradição, contemporaneidade e novas formas de expressão.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Dona Licinha: deu vontade de abraçar a mestra abraçante. *Nova Escola*, [*s*. *l*.], 28 fev. 2010. Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/3181/dona-licinha.. Acesso em: 12 nov. 2024.

BANOV, Luiza *et al*. *Movimentos de afeto*: por um protocolo poético e dançado de volta ás aulas. Rio de Janeiro: Renata Rodrigues Costa; Layla Mulinari Burgarelli Bonfim, 2020 Disponível em: https://www.studocu.com/pt-br/document/universidade-estadual-do-piaui/crescimento-e-desenvolvimento-humano/livro-movimentos-de-afeto/100976001. Acesso em: 12 nov. 2024.

BOLOGNESI, Mário Fernando. Experiência e história na pesquisa em artes. *Art Research Journal*, Natal, v. 1, n. 1, jan./jun. 2014. DOI: 10.36025/arj.v1i1.5258.

D'AMORIM, Elvira. *Do lundu ao samba*: pelos caminhos do coco. João Pessoa: Ideia/Arpoador, 2003.

DUARTE, Robson Lima. *Cada qual com sua dança*: impressões sobre dança contemporânea a partir da leitura de alunos do Ensino Fundamental. 2012. Monografia (Especialização em Pedagogia da Arte) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

FAGUNDES, Patrícia; DANTAS, Mônica; MORAES, Andréa (org.). *Pesquisa em Artes Cênicas em tempos distópicos*: rupturas, distanciamento e proximidades, Porto Alegre: Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

FLORES, Josinaldo. *Do lúdico às competições*: um estudo de caso com a quadrilha Junina "Fazenda Pindura Saia". 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes/Dança) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2024.

GEERTZ, Clifford. *O Saber Local*: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997.

JOÃO PESSOA. Prefeitura Municipal. *Edital de Apoio às Quadrilhas Juninas, Edital nº 01/2013*. João Pessoa: Prefeitura Municipal, 2013. Disponível em: http://antigo.joaopessoa.pb.gov.br/portal/wp-content/uploads/2013/04/Edital-de-Quadrilhas-Juninas-2.pdf. Acesso em: 13 nov. 2024.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Educação*, Porto Alegre, ano XXX, n. 3(63), p. 413-438, 2007.

MACHADO, Ana Maria. *Bisa Bia, Bisa Bel.* 3. ed. São Paulo: Moderna, 2007.

MURTA, Flor. *Danças contemporâneas*: articulando concepções e práticas de ensino. 2014. Dissertação (Mestrado em Dança) – Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

RODRIGUES, Graziela. *Bailarino-pesquisador-intérprete*: processo de formação. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.

SÃO JOÃO 2024: João Pessoa lança edital de apoio financeiro a quadrilhas juninas. *G1*, João Pessoa, 5 maio 2024. Disponível em: https://g1.globo.com/pb/paraiba/sao-joao/noticia/2024/05/05/edital-quadrilhas-juninas-joao-pessoa-sao-joao-2024.ghtml. Acesso em: 13 nov. 2024.

SECULT-PB PUBLICA resultado preliminar da análise de objeto do Prêmio Paraíba Junina. *Governo da Paraíba*, João Pessoa, 27 abr. 2024. Disponível em: https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-da-cultura/noticias/secult-pb-publica-resultado-preliminar-da-analise-de-objeto-do-paraiba-junina#:~:text=Junina%2C%20que%20vai%20premiar%20quadrilhas%20juninas%20com,de%200%20a%2010%20a%20cada%20uma. Acesso em: 13 nov. 2024.

SILVA, Stefany P. A. *As danças populares e os temas contemporâneos transversais*: diálogos na Educação Física escolar no Ensino Fundamental. 2022. Monografia (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2022.